PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Felipe Augusto Queiroz da Silva

De uma revolta de escravos, a uma revolução: O ocultamento e apagamento da participação Feminina na Revolução do Haiti.

Projeto apresentado como exigência do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para obtenção do título de Bacharelado em História.

Orientadora:
MARIA ELISA NORONHA DE SÁ

Sorocaba, 28 de novembro, 2022.

Dedicatória

Dedico esse trabalho as mulheres haitianas por sua força, coragem e lealdade, as causas que mudaram o destino de uma nação.

Para as pessoas da minha vida: Fabiana, Gustavo, Ana Júlia, Franciele e Maria Rita, que sonharam esse sonho comigo.

Agradecimentos

Enfim, esse sonho está concluído, mais uma etapa finalizada com sucesso, sempre apoiado por todos em minha volta. Agradeço a Deus por sempre estar ao meu lado, e ao PROUNI por essa bolsa de estudos. À minha mãe, Fabiana, por nunca medir esforços para me proporcionar a melhor educação e suporte em todas as ocasiões, pelo seu amor incondicional, pela sua força e sua determinação, comigo, Gustavo e Ana Júlia, você é a mulher que mais me inspira. Sem você eu não seria eu. Aos meus tios, Franciele e Ademir, pela ajuda financeira e pelo incentivo aos estudos. Ao meu irmão, Gustavo, por me apoiar, por sempre acreditar e minha irmão, Ana Júlia, sem vocês, eu não seria quem eu sou hoje, obrigado por ser irmão de vocês. À minha avó, Maria Rita, que sempre batalhou para os filhos terem o melhor, e me presenteou com o notebook que possuo até hoje. Ao meu avô, Francisco, por me incentivar nas coisas mais simples. Ao meu pai, Dirceu (*in memorium*) por me aceitar, me amar e me proteger, espero que você esteja olhando daí de cima, sinto sua falta. Te amo.

Gostaria de agradecer aos presentes que participaram da minha jornada, escolar, dos pré-vestibulares e graduação, com a Gabriele e Thalia (in *memorium*), vocês participaram de todos os momentos, felizes e tristes, deixaram minha vida mais alegre, Lia, sinto sua falta. O que dizer de Rafaela, Flávia e Damares, três malucas que presenciaram todos os meus feitos, certos e errados, nunca largaram minha mão, e me acompanharam até a rodoviária para minha despedida, e me acompanham até hoje.

Aos meus amigos de curso, Lorena Pereira, obrigado pela sua ajuda no primeiro dia de aula, como eu estava perdido, e obrigado por me acompanhar nessa jornada, todos os momentos com você foram especiais. Érika, Eduardo, Gabriel e Jacylene, amigos melhores eu não encontro em nenhum lugar, cada um de você é especial. À minha amiga, Vitória, que conheci em Jesus 1, você se tornou uma parte importante da minha vida, à minha amiga, Manuella, a soteropolitana mais linda, obrigado pela sua amizade e de sua família, aos meus amigos, Anderson e Guilherme, momentos especiais eu passei com vocês. A eles e elas, Barbara, Felipe, Eduarda e Karine, obrigado pelo apoio, pelo grupo do whatsapp, que se tornou um grande grupo de fofoca, ajuda e reclamações.

Como esquecer do meu domínio adicional, onde encontre grande amigos e professores, à Natália Marinho, você me fez companhia em muitas aula, e diversas

fofocas, como na te agradecer pela sua amizade, e por me colocar no memento certo, quando o professor Paulo Wrobel, falou sobre o intercâmbio na China, só tenho agradecer. Em 2019, fui a China, com uma bolsa, que me proporcionou a conhecer pessoas incríveis como: Sophia, Matheus, Ana Luiza (Bota), Daniel, Gustavo, Kléber, Tom, Lin, Vittor, essa viagem foi um sonho, e como vocês foi mais divertida. Também, a minha parceira de quarta, Natália Tury, nossas conversas durante a madrugada foram enriquecedoras, obrigado por permanecer em minha vida, você foi um negócio da China.

O que Dizer de Mary Sudo, que pessoa maravilhosa, acolhedora e amiga, Mary, você se tornou uma grande amiga, como diz a caneca: “Plantei uma amiga, colhi uma irmã”, obrigado por me apresentar o Felipe Inglesias, Gisele Zapata e toda sua família, também, novos amigos como: Tamires de Cubatão, você tem um lugar no meu coração, que ninguém ocupa. Rayanne, te conheci no brother carioca, e quem diria que eu seria de padrinho de casamento, passamos por pouco e boas, mas, sempre unidos, você é uma das pessoas mais valiosas desse mundo, obrigado por você estar na minha vida, e me presentear com o Marcos.

Pessoas veem e vão, mas aquelas que permanecem, criam raízes que nunca serão cortadas. Durante a pandemia, fiz amizades que se perpetuam na vida real, como Karoline e Camila, obrigado por me ajudarem a passar naquela matéria, sem vocês, eu teria pego DP.

À minha Orientadora, Maísa de Sá, que me apresentou esse tema maravilhoso, e que me acompanha nessa monografia.

Ao Programa de Ensino Tutorial (PET-História PUC-Rio) e todos que passaram pelo grupo, durante o tempo que estive como voluntário.

À Ana Elisa Saggioro, como eu te agradeço, por todos os momentos, pelas broncas, e por ensinar todos o ensinamento que eu adquiri, só tenho que te agradecer. Que insistiu no potencial de crescimento e amadurecimento que eu poderia ter como pesquisador; pelo incentivo e mentoria que foram cruciais para minha formação.

Ao departamento de História da PUC-Rio, pelo carrinho com que acolhem os alunos. E agradecer a Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, por ser uma das melhores universidades do país.

Como na agradecer a pessoa mais companheira do mundo, eu, Felipe, obrigado por nunca desistir de você, esse foi só um dos capítulos de sua história, teremos mais momentos. Te amo, sabia disso!

Sinto que tenho as melhores pessoas do mundo ao meu lado. E isso basta. Muito obrigado por fazerem parte deste capítulo da minha história!

Resumo

Em 1791, eclodiu a revolta de escravizados na colônia de São Domingos, que resultou em uma sangrenta revolução que durou até 1804. A revolução do Haiti teve início a partir de uma grande rebelião de escravizados africanos na antiga colônia francesa. A violência do sistema colonial escravista francês motivou os escravizados rebelaram-se contra seus dominadores. Essa revolta espalhou-se pela região, sendo lideradas por nomes como Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines. Esses são os líderes da revolução, são os personagens principais destacados nas bibliografias, que se referem a esse período. O presente trabalho pretende analisar a Revolução Haitiana, buscando nela, o processo de silenciamento e ocultamento das mulheres durante o período revolucionário de 1791-1804, no que concerne ao processo de independência e os atores não mencionados envolvidos; bem como os elementos de homogeneização que possibilitaram a realização desse apagamento na história moderna.

Palavras Chave: Revolução – Mulheres – Escravos

Résume

En 1791, une révolte d'esclaves a éclaté dans la colonie de Saint-Domingue, ce qui a entraîné une révolution sanglante qui a duré jusqu'en 1804. La révolution haïtienne est née d'une rébellion majeure des Africains asservis dans l'ancienne colonie française. La violence du système colonial esclavagiste français a motivé les esclaves à se rebeller contre leurs dirigeants. Cette révolte s'étend à toute la région, menée par des noms comme Toussaint Louverture et Jean-Jacques Dessalines. Ce sont les leaders de la révolution, les principaux personnages mis en évidence dans les bibliographies qui se réfèrent à cette période. Le présent travail se propose d'analyser la Révolution haïtienne, en y recherchant le processus de réduction au silence et de dissimulation des femmes pendant la période révolutionnaire de 1791-1804, en ce qui concerne le processus d'indépendance et les acteurs non mentionnés impliqués ; ainsi que les éléments d'homogénéisation qui ont rendu possible la réalisation de cet effacement dans l'histoire moderne.

Mots-clés: Esclaves - Femmes - Révolution

Sumário

Dedicatória 1

Agradecimentos 2

Resumo 5

Résume 6

Introdução 8

Capítulo I 11

A Revolução Haitiana 11

1.2 – Colonização Tardia 11

1.2 – Sociedade, Revolução Francesa e Revolta dos Escravos 14

1.3 - A Revolução Haitiana 18

Capítulo II 29

As facetas femininas 29

2.1 – Mulheres nas revoluções 29

2.2 – Ocultamento das mulheres haitianas na Revolução 34

2.3 – De frente ao front 40

2.4 – Ancestralidade 46

Conclusão 48

Bibliografia: 51

Introdução

A Revolução Haitiana foi um dos grandes episódios da história da América. Embora perpetuamente ofuscada pelas Revoluções Americana e Francesa, que a precederam, ela mudou para sempre a história do mundo. Testemunhou o primeiro levante de escravizados bem-sucedido, introduziu a primeira nação liderada por africanos no novo mundo e afetou profundamente a França, os Estados Unidos e as nações e colônias vizinhas do hemisfério. Das origens míticas em uma cerimônia de escravidão em 1791, às sucessivas intervenções de franceses, espanhóis e ingleses, até a conquista final da independência em 1804, a Revolução Haitiana pode ser difícil de acompanhar e avaliar.

O sucesso da Revolução Haitiana enviou ondas de choque por todas as sociedades escravistas do Novo Mundo. Pela primeira vez na história do Novo Mundo, uma revolta de escravos culminou na derrota total das forças brancas. Embora ele tenha morrido antes que a independência do Haiti fosse alcançada, a história de Toussaint Louverture se tornou uma lenda: um ex-escravizados negro havia mostrado que podia derrotar os melhores generais brancos e enganar os políticos brancos mais habilidosos. O Haiti se tornou a primeira ex-colônia europeia onde os negros conseguiram derrubar a escravidão e a desigualdade racial. As memórias da Revolução Haitiana continuaram a influenciar os movimentos de libertação nos últimos dois séculos. Ao mesmo tempo, no entanto, Toussaint Louverture deixou um legado conturbado para a população negra do Haiti. Os conflitos entre esses dois grupos marcaram grande parte da história subsequente do Haiti.

Os revolucionários haitianos redefiniram os significados de liberdade, igualdade e humanidade e foram muito além do que seus contemporâneos europeus iluminados consideravam possível ou mesmo desejável. A revolução haitiana, empurrou o universalismo dos direitos naturais à sua realização final ao realizar a liberdade humana derrubando a escravidão, os revolucionários radicalizaram noções de liberdade, igualdade e direitos. Como argumenta o historiador haitiano Michel-Ralph Trouillot, a revolução foi um evento impensável, diante dos europeus da época, o racismo prevalecente na Europa dentro de suas próprias tradições iluministas e a cumplicidade de sua burguesia intelectual nos empreendimentos coloniais, os cegou para as mudanças radicais que se desenrolavam na ilha do Caribe.

A primeira coisa a dizer é que a situação atual tem raízes na luta histórica do povo do Haiti, um povo cujo antepassados foram sequestrados da África, cuja ancestralidade ajudou muitos guerreiros durante a revolução, com influência de seus antigos reinos. Essa ancestralidade, também, contribuiu para participação de mulheres nos primeiros levantes, que se iniciaram nas fazendas, a contribuição feminina foi de suma importância desde o começo ao fim da revolução, no entanto, muitos esqueceram que as mulheres desempenharam um grande papel na derrubada forçada de seu governo em favor de um novo sistema onde a escravidão era proibida.

O ocultamento feminino, é uma questão de gênero, nas bibliografias somente homens são mencionados. Mesmo que as mulheres tenham desempenhado papeis como os homens, pelo motivo de ser mulher, esse esquecimento é recorrente até os anos 40. As mulheres haitianas também foram fundamentais na formação dos movimentos pelos direitos das mulheres na região, bem como na linha de frente de nossa luta por direitos iguais e libertação, tanto literal quanto figurativamente.

Com esse trabalho, tem por objetivo analisar a Revolução haitiana, buscando entender em seu contexto, o processo de silenciamento e ocultamento da participação feminina durante o processo revolucionário, reproduzido pela historiografia. Nesse contexto, pretendo analisar e colocar nomes nas personagens que foram importantes para essa revolução, como por exemplo:

Cécile Fatiman, era filha de uma africana escravizada e de um francês branco. Seu pai a vendeu junto com sua mãe para uma plantação em São Domingos, enquanto a história permanece incerta sobre onde seus irmãos foram vendidos. Ela, era de origem mambo, uma alta sacerdotisa Vodu, cuja principal responsabilidade era manter os rituais e o relacionamento entre os espíritos e a comunidade. Ela viajou na escuridão da noite, de uma plantação a outra, para persuadir tanto os escravos quanto os quilombolas a participar de um encontro secreto na floresta, conhecido como Bois Caïman. A cerimônia do Vodu incluiu um ritual religioso e uma reunião para planejar o levante contra a escravidão que ficou conhecido como Revolução Haitiana. Cécile não apenas foi fundamental na criação do Haiti, mas mais tarde se tornou a primeira-dama após se casar com o presidente Louis Michel Pierrot, um ex-soldado da Revolução Haitiana.

Suzanne Sanité Belair era uma jovem negra livre de L'Artibonite, Haiti. Em 1796, ela se casou com Charles Belair - sobrinho do líder revolucionário haitiano Toussaint Louverture. Apesar de não ter sido escravizada, ela e o marido lutaram lado a lado no exército haitiano para ajudar outros a se libertarem dos franceses. Ela finalmente

ganhou o título de tenente. Foi capturada pelos franceses em 1802, ela não se ajoelhou nem cobriu os olhos quando foi executada.

Adbaraya Toya, originária do Reino do Daomé (Benin), era parteira, guerreira das “Amazonas do Daomé”, curandeira e uma das mulheres que faziam parte do conselho do Daomé. Ela foi sequestrada e escravizada em São Domingos. Ela secretamente começou a treinar outras pessoas na arte da guerra, incluindo um dos fundadores do Haiti, Jean Jacques Dessalines. Ela ensinou a ele e a muitos outros como lutar corpo a corpo e como manejar uma faca. Ela comandou sua própria brigada na guerra de independência do Haiti. Para honrar suas contribuições, ela foi homenageada com um funeral de estado em 1805.

Essas mulheres foram esquecidas, mas, revisando novos artigos, a menção desses nomes, é evidente, mas numerosas foram as mulheres cujos nomes nunca foram registrados, mas que participaram do envenenamento de proprietários de escravos; plantações de subterfúgio, fuga das plantações para campos subterrâneos de onde foram lançados os ataques às plantações; e rebeliões (Bell). Marie Jeanne foi descrita como uma mulher de cor escura, alta e enfermeira do exército haitiano. Ela lutou ao lado do marido na guerra pela liberdade. Marie Jeanne estava ajudando os feridos ou lutando em combate (cadete). Ela lutou em trajes masculinos tradicionais. Isso ganhou muito respeito por parte dos outros homens. Ela encorajaria outros soldados e os inspiraria com seu destemor e bravura.

Nessa perspectiva a pesquisa tem como objetivos específicos analisar, essa construção do esquecimento dessas guerreiras durante o tempo vigente da revolução, fazendo uma interpretação da visão da época, e das visões atuais, explorando as questões de intersexualidade, raça e sociedade. Com isso, pretendo revisitar fontes de pesquisas, construir um pensamento base, sobre essas interpretações, dialogar com historiadores, filósofos e pesquisadores. A interpretação dos dias atuais, é revisitar o passado, e pensar o que mudou sobre a participação feminina na revolução, sendo que o aparecimento masculino é predominante. As mulheres tinham um longo legado de luta, na verdade, as mulheres estiveram envolvidas em combates reais, realizando feito como os homens.

Capítulo I

A Revolução Haitiana

1.2 – Colonização Tardia

Este capítulo é dedicado a retratar os principais episódios da ocupação colonial na Ilha de São Domingos, identificando a racionalidade dos métodos de controle desenvolvidos pelas potências intervenientes. Ao analisar a história do Haiti, dois períodos sobressaem: o primeiro está compreendido entre o final do século XVII, quando se iniciou a sua colonização pelas potências colonizadoras Espanha e França e o segundo no século XVIII, quando se dá o início de sua descolonização com a Revolução dos Escravizados na Ilha de San Domingues, atual Haiti. Comecemos por descrever a primeira invasão colonial (1292-1697), que foi provocada pelo advento dos espanhóis em solo haitiano e a introdução da América na cultura europeia.

Em 1492, exploradores europeus foram os primeiros a chegaram no "Novo Mundo", com Cristóvão Colombo adentrando em solo haitiano em dezembro daquele mesmo ano. Colombo desembarcou em Mole Saint-Nicolas e apelidou a ilha de La Española, posteriormente renomeada como Hispaniola.

Os espanhóis foram os primeiros a se estabelecer na ilha, que hoje é o Haiti, e seu primeiro empreendimento comercial foi a extração de ouro, feita com a ajuda de escravizados nativos. A ação predatória do empreendimento espanhol, dizimou a população indígena nativa, ali presente como mostra o trecho a seguir:

> 1Os espanhóis, considerados o povo mais avançado da Europa naquela época, anexaram a ilha, introduziram o cristianismo, o trabalho forçado nas minas, o assassinato, o estupro, os cães de guarda, doenças desconhecidas e a fome, forjada pela destruição dos cultivos para deixar os rebeldes sem alimentos. A população nativa ficou reduzida, de cerca de meio milhão ou talvez até 1 milhão, a 60 mil em 15 anos.

[1] SADER Emir, A grande Revolução negra, Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 4 de Janeiro, 2004.

A serviço de Isabel de Castela e Fernando de Aragão, monarcas católicos da potência dominante, a Espanha, Colombo "Traria a luz da civilização a esses nativos atrasado". Com a chegada dos espanhóis, a colônia de São Domingos, experimentou a primeira onda de violência colonial, como o povo nativo Taino[2] que estiveram na linha de frente do maior genocídio da História. O genocídio, um assassinato premeditado, motivado por animosidades raciais, políticas e religiosas, foi realizado na Ilha Hispaniola, no século XV. Alguns anos após a conquista colonial, os últimos Tainos[3] remanescentes no Haiti, era uma pequena tribo conhecida como Chemés. Além de serem obrigados a adotarem os costumes europeus, os tainos, que foram educados para uma vida de liberdade, foram forçados a trabalhar como escravos para explorar os recursos naturais de suas próprias terras. Com resultados, eles pereceram em grande número como o resultado de maus-tratos, do trabalho árduo nas minas de ouro, dos suicídios em massa e das doenças trazidas da Espanha. Em resposta a essa circunstância, a ilha passa a substituir sua mão de obra nativa por negros africanos.

O século XVII, foi caracterizado pela rivalidade europeia pelo controle do Caribe e, por causa de sua localização, o Haiti se viu no epicentro da avareza colonial. A ilha só foi habitada no fim do século XVI, sob o domínio hegemônico da Espanha, mas, a riqueza de outras terras outras colônias, desviou a atenção dos espanhóis, permitindo que outros entrassem e depois invadissem as ilhas do Caribe. Exploradores francês, ingleses e holandeses, viajaram para as novas terras (Bosch, 1970). A ausência do controle na parte oeste de Hispaniola, região que corresponde a Haiti, o que levou a ocupação crescente dos corsários e piratas franceses, quais, após um século de ataques aos marinheiros espanhóis, garantiram que a França, firmasse sua presença política na região, em 1640, enviando representantes do império. Os governantes franceses,

[2] De norte a sul do continente americano, centenas de tribos simplesmente desapareceram. Estima-se, que até 100 milhões de nativos americanos tenham morrido nas mãos dos conquistadores europeus após 1492.

[3] É conhecido como "Taíno". O povo taino, caracterizado pelos arqueólogos, não era uma sociedade unificada, sendo categorizado em subdivisões de acordo com o grau de elaboração em sua expressão artística e social. Os Taínos Centrais ou "Clássicos" são identificados com as tradições mais complexas e intensivas, e são representados arqueologicamente pela cultura material "Chicano-Ostionóide". Eles ocuparam grande parte de Hispaniola, incluindo En Bas Saline. Os Taíno "ocidentais" ocuparam o centro de Cuba, Jamaica e partes de Hispaniola, e também estão associados arqueologicamente com a tradição material "Ostionoid-Meillacan". O Lucayan Taíno viveu nas Bahamas, e acredita-se que o Taíno "oriental" tenha vivido em regiões das Ilhas Virgens e nas Ilhas de Sotavento das Pequenas Antilhas. Como muitos arqueólogos enfatizaram, no entanto, os Taíno eram apenas um dos grupos culturais reconhecíveis no Caribe na época do contato. Eles coexistiram e interagiram com outros povos ostionanos e talvez até com povos arcaicos influenciados pelos saladóides, como os Guanahatabey de Cuba e os Caribe das Pequenas Antilhas.

estabeleceram-se primeiro em Tortuga, com a esperança de reivindicar a jurisdição sobre aquele território. De lá, seguiram para Hispaniola, onde se estabeleceram a capital colonial Cap-François em 1670.

A ilha, que antes era governada pela Espanha, ficou sob controle francês em 1697. Desde então, San Domingues se tornou uma das colônias mais ricas do ocidente, com o comércio de Açúcar na ilha representando dois terços de todo o comércio francês mundial.

Com o Tratado de Ryswick[4], que foi assinado em 1697, legalizou se a colonização francesa na ilha. A França recebeu o controle do terço ocidental da Hispaniola. A porção oriental, ainda estava sob o domínio espanhol (onde hoje se encontra a República Dominicana), os franceses começaram a designar formalmente o território, e as fronteiras foram delineadas, o que corresponde ao Haiti de hoje.

Em 1697, após o Tratado de Ryswick, com domínio francês o lado ocidental da ilha começou a prosperar. Desde a conquista, os colonizadores franceses investiram mais no cultivo de especiarias e, particularmente da cana-de-açúcar, que se tornava reconhecida no Ocidente. O sucesso das enormes colheitas no Brasil, uma colônia portuguesa, encorajou, outros países, incluindo a França, a envolverem-se na produção.

À colonização francesa, utilizou de técnicas severas para o controle dos africanos, trazidos de várias regiões do continente Africano, especialmente do Reino do Congo, durante a colonização francesa. As novas tecnologias lançadas para a gestão de plantações, como a disciplina, a punição e à vigilância, somadas a constantes criminalização das resistências dos escravos, deram forma a um dos mais opressores cenários do mundo colonial.

Em 1780, a colônia produzia cerca de 60% do café vendido e consumido na Europa e nas Américas, graças ao trabalho escravo, solo rico, e um clima favorável para plantação, também, sua produção de cana-de-açúcar superior a qualquer outra colônia da região (Trouillot, 1995). A colônia integrava ativamente a vida econômica da burguesia francesa, era "El orgullo de Francia[5]", pois garantia a maior parte do comércio exterior francês.

[4]O Tratado de Ryswick foi assinado a 20 de setembro de 1697 na cidade de Rijswijk, pondo fim à Guerra dos Nove Anos e trazendo consequências para as colónias americanas. A França obteve de Espanha a parte ocidental da ilha de Santo Domingo (que mais tarde se tornou Haiti).

[5] JAMES, Cyril Lionel Robert. Los jacobinos negros. Toussaint L'Ouverture y la Revolución de Haití. Madrid: Turner, F.C.E, 2003.

Figura 1 - Mapa matizado da ilha de São Domingo. Autoria: Desconhecido. Data: 1750. Acervo: Biblioteca Britânica

1.2 – Sociedade, Revolução Francesa e Revolta dos Escravos

O contexto histórico da colonização como o período em que sucessivas estratégias de controle dos colonizadores imposta à população colonizada, como uma experiência de dominação que permitiu que os mecanismos modernos de disciplina e punição fossem constituídos e empregados de forma eurocêntrica.

A sociedade de São Domingos, estava profundamente fragmentada pela cor de pele, grupos sociais e gênero. Havia três grupos sociais distintos, havia os brancos chamados de *grands blancs*, que estavam no controle. Depois, havia os mulatos livre chamados de *petit blancs*[6], que ocupavam uma posição muito tênue na sociedade, obtinham alguns direitos semelhantes aos *glands blancs*[7]. Enquanto eles desfrutavam de um grau de liberdade, os *affranchis*[8] eram reprimidos pela estrutura conservadoras do

[6] ***Grands* blancs**: formavam uma reduzidíssima parcela da sociedade colonial, eram grandes plantadores e senhores de escravos, no entanto, sua autonomia e poder foram limitados pelos grandes comerciantes dos principais portos franceses que dominavam o comércio de escravos

[7] ***Petit blancs***: eram uma pequena parte da população branca que atingia em torno de quarenta mil indivíduos. Em geral, exerciam o artesanato e o pequeno comércio.

[8] ***Affranchis***: esta parte da população era composta de mulatos libertos e seu montante girava em torno de trinta mil pessoas. Buscavam ascensão na rígida hierarquia social e alguns ocuparam cargos na administração e/ou, até mesmo, chegaram a possuir terras e escravos.

poder brancos que os reconheciam apenas como pessoas de cor. Em seguida vieram os escravizados[9], que sofreram alguns dos mais severos tratamentos, eles eram legalmente considerados propriedades dos seus senhores, e, com pouca escolha, obedeciam.

Nesse período, a colônia tinha uma população de tamanho cerca de 30.000 pessoas brancas e 30.000 pessoas livres de cor, e 500.000 pessoas escravizadas. Esses grupos eram muitas vezes divididos economicamente, socialmente, politicamente e geograficamente. As elites brancas inicialmente esperavam se beneficiar da Revolução Francesa para obter mais controle sobre o comércio e mais autonomia da França. Os *affranchis*, buscavam direitos políticos iguais aos *grand blancs*. Tais direitos poderiam desafiar as hierarquias raciais, ou, uma vez que algumas pessoas de cor livres possuíam escravos, reforçar as diferenças entre pessoas livres e escravizadas.

Os conflitos sociais, que se encontravam na sociedade Haitiana, eram totalmente motivados pela cor da pele, como define o historiador francês Paul Fregosi:

> "Brancos, mulatos e negros se detestavam. Os brancos pobres não suportavam os brancos ricos, os brancos ricos desprezavam os brancos pobres, os brancos de classe média tinham inveja dos brancos aristocratas, os brancos nascidos na França desprezavam os brancos nascidos localmente, os mulatos invejavam os brancos, desprezavam os negros e eram desprezados pelos brancos, os negros livres brutalizavam os que ainda eram escravos, os negros haitianos consideravam os africanos como selvagens. O Haiti era um inferno, mas o Haiti era rico".

Cada grupo possuía seus interesses. Os *Affranchis*, que possuíam representantes na França, desenvolveram a sociedade dos Amigos dos Negros, que representavam os mulatos da ilha, que buscavam os direitos iguais aos *grands blancs*, tais direitos poderiam desafiar as hierarquias raciais, ou, uma vez que algumas pessoas de cor possuíam escravos, reforçar as diferenças entre pessoas livres e escravizadas. As elites brancas inicialmente buscavam se beneficiar da Revolução Francesa, para obter mais controle sobre o comércio e mais autonomia da França.

É importante salientar que a Revolução Francesa deu uma nova forma ao mundo, por meio dela, foram propostas ideias de liberdade, igualdade e a defesa dos direitos dos cidadãos.

[9] ***Escravizados***: a grande massa de escravos compreendia no período do processo de independência mais da 80% população total de Saint-Domingue.

Ressalta-se que tais ideias deram bases aos pensamentos dos iluministas, cabe destacar que isso não significa dizer que o iluminismo foi a teoria e a Revolução a prática, mas que ambos contribuíram igualmente nas mudanças significativas na organização social e econômica mundial.

Nesse sentido, os iluministas defendiam o direito à crítica, logo, eles mesmos eram alvos de suas próprias críticas, o que caracterizou sua modificação ao longo do movimento. Os iluministas nunca fixaram fundamentos rígidos, e/ou um sistema fixo e acabado, mas os contestaram e os modificaram, residindo seu aspecto revolucionário

A sociedade dos Amigos dos Negros, foi fundado por Jacques Brissot, em 1788, formulada de confluência de várias correntes intelectuais e societárias. Se inspirava muitos nos seus equivalentes britânicos. Jacques Pierre Brissot conheceu o líder abolicionista Thomas Clarkson [10]na Grã-Bretanha e foi inspirado a criar uma organização na França. Numerosos debates se voltaram contra o tráfego negreiro e pela abolição da escravatura. Seu objetivo era a igualdade de brancos e negros nas colônias francesas. A sociedade faria campanha principalmente produzindo panfletos e romances para promover sua causa, a sociedade orientou as suas atividades em Paris e seus arredores. Em vários pontos, eles abordariam a Assembleia Nacional com suas preocupações. Um dos principais pioneiros da Sociedade dos Amigos do Negros Henri Grogoire tentou pedir admissão dos negros livre na Assembleia Nacional, na França, com intuito de criar ideias para igualdade, sua ideia foi aceita pelo Comitê de Verificação de Credenciais da Assembleia Nacional, porém, foi silenciado por opositores pro-escravidão. Os comitês centrais, eram dominados por traficantes de escravos que opunham a qualquer mudança, assim, outros grupos de toda a França, também alegaram que qualquer mudança na lei causaria caos econômico e social, na França e nas colônias.

A revolução francesa também foi crucialmente importante, para os conflitos da sociedade haitiana. Um passo historicamente significativo foi a emissão de Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão[11], aprovada na França em 26 de agosto de 1789.

[10] Clarkson foi um dos principais ativistas contra o comércio transatlântico de escravos. Ajudou a fundar o Comitê para a Abolição de comércio de escravos e foi uma força principal na criação da Lei de Comércio de escravos de 1807, que encerrou legalmente o comércio britânico de africanos escravizados.

[11] **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão:** Os conceitos da Declaração vêm dos deveres filosóficos e políticos do Iluminismo, como o individualismo, o contrato social teorizado pelo filósofo genebrino Rousseau e a separação de poderes defendida pelo Barão de Montesquieu. Como pode ser visto nos textos, a declaração francesa foi fortemente influenciada pela filosofia política do Iluminismo e pelos princípios dos direitos humanos, assim como a Declaração de Independência dos EUA que a precedeu (4 de julho de 1776).

Ela declarava: “Aos olhos da lei, todos os cidadãos são iguais”. Embora o governo francês não quisesse liberar isso para as suas colônias, a notícia se espalhou. Houve uma crescente onda de agitações nas colônias francesas, particularmente em San Domingue, onde o país estava em a beira de uma guerra civil entre brancos, escravos negros e negros livres. A notícia da declaração se espalhou e, trouxe novas esperanças às massas negras, enquanto isso, os proprietários de plantações e o governo francês continuaram a explorar os escravos com fins lucrativos.

Em 1790, ouro homem de cor foi enviado à Saint-Domingue Vicent Óge e Jean-Baptiste, ambos ricos e mulatos, que traziam as ideias da Revolução Francesa, e buscavam organizar um movimento armado, já que a França se negava a declarar direitos iguais, mas, também, não obteve sucesso, os dois foram presos e enforcados. Embora Vicent Ogé, não estivesse lutando contra a escravidão, seu tratamento foi citado por escravos rebeldes posteriores como um dos fatores em sua decisão de se rebelar em agosto de 1791 e resistir aos tratados com os colonos. Vicent Ogé esteve em Paris durante os debates de 1790, ele tentou se uma conversa com o delegado de Saint-Domingue e foi rejeitado. Ele e outro homens de cor tentaram fazer com que a Assembleia Geral especificamente que a provisão para a cidadania incluía as pessoas de cor livres. Tendo falhado. Vicent Ogé resolveu voltar a Saint-Domingue e de uma forma ou de outra, pelo poder da persuasão ou poder das armas, forçar a questão da cidadania para as pessoas livres. Com seu retorno, Vicente Ogé montou uma tropa junto com Jean-Baptist Chavannes. Eles montaram um quartel general em Grand Riviere, a leste de Cape Francois, e se prepararam para marcharem sobre a fortaleza dos colonos. Ogé, rejeitou ajuda de escravos negros.

As forças de Oge e Chavannes foram severamente derrotadas, com muitas das suas pequenas bandas de 300 capturadas, enquanto Oge e Chavannes fugiram para Santo Domingo, a parte espanhola da ilha. Os espanhóis levaram os dois alegremente e entregaram-nos aos brasileiros no Cabo François. A 9 de Março de 1791, os soldados capturados foram enforcados, e Oge e Chavannes foram torturados até à morte numa praça pública, tendo sido colocados numa roda e os seus corpos separados.

Figura 2 - Retrato de Vicent Ogé Jeun. Autoria: Gilles-Louis Chrétie. Data: 1790. Acervo: Museu com fundos fornecidos pelo Círculo de Colecionadores de Henry Francis du Pont.

Esse foi um dos primeiros estopins para a Guerra Civil. A morte do líder negro só serviu para insuflar os ânimos dos escravos e a ilha explode em rebeliões, a adesão dos escravos ao movimento revolucionário foi massiva, como mostra, Ailton Benedito de Sousa:

> Numa primeira série de operações que durará um mês, os escravos destroem tudo. Como labaredas sobre a palha seca, as palavras de ordem 'morte aos brancos' ganham as planícies. Chegara o momento há muito esperado. Nas fazendas as senzalas sabem o que fazer. Em poucas semanas de luta, os insurgentes chegam a mobilizar mais de cem mil combatentes.

Em 1791, a primeira rebelião negra organizada deu inicio aos doze anos de Revolução na Ilha de São Domingos. A principal bandeira da revolução foi a abolição da escravidão. Neste ano começaram as primeiras revoltas nas fazendas, onde os escravos queimam e matam seus donos. Os assentamentos do Norte foram atingidos primeiro, e a enchente que os abateu revelou a força militar e a organização das massas negras. As plantações foram destruídas e os proprietários mortos. Alguns dos líderes da rebelião incluem Boukman, Biassou, Toussaint, Jeannot, François, Dessalines e Cristophe. Esses homens ajudam a guiar a Revolução, embora custasse mais de doze anos e centenas de milhares de vida. Muitos desses líderes cairiam ao longo do caminho, mas a força da unidade contra a escravidão, uma unidade enraizada na cultura crioula que unia os negros, sustentaria a revolução.

1.3 - A Revolução Haitiana

> "O movimento haitiano, embora seja o mais importante para a abolição da escravatura nas Américas, é o mais negligenciado – todos nós temos uma grande dívida com os haitianos e devemos pagá-la."[12]

A agitação da Revolução Francesa, foi o ponto chave para desencadear movimentos de igualdades na colônia de Saint-Domingue. Apresentado apenas como um vislumbre de uma história muito maior, este capítulo destaca a notável contribuição de atores políticos negros para a Revolução Haitiana de 1791-1804, a insurreição finalmente bem-sucedida pela libertação da escravidão e da brutalidade das potências coloniais europeias.

O objetivo consiste em discutir aspectos relacionados a revolução haitiana, destacando nesse percurso a participação de alguns personagens masculinos e femininos de extrema importância no contexto desse processo. Vale destacar que a Revolução no Haiti foi fruto de uma rebelião organizada por escravos e negros libertos da Colônia de São Domingos, no ano de 1971. A motivação dos escravos e dos negros libertos tinha como base a exploração e violência empreendida pelos francesas na então colônia de São Domingos.

Na noite de 14 de agosto, o ritual vudu Bois caiman foi presidio por Cécile Fatiman, onde ela sacrificou um porco preto e, falando a voz do espírito, nomeou aqueles que deveriam liderar os escravos e quilombolas à revolta e buscar uma justiça severa de seus opressores brancos.

Na noite de 22-23 de agosto de 1791, uma revolta de escravos coordenada irrompeu no norte da ilha, perto das maiores plantações. Os escravos negros massacraram os seus senhores e atearam fogo às estruturas de plantação. Ao mesmo tempo, começou uma rebelião à parte entre as pessoas de cor livre no oeste de Saint Domingue. Os escravos negros massacraram seus senhores e incendiaram os prédios das plantações. Ao mesmo tempo, uma rebelião separada começou entre os negros livres no oeste de Saint-Domingue.

Após os sucessos iniciais dos revolucionários em esmagar a instituição da escravidão nas plantações na Plaine du Nord, Le Cap caiu nas mãos das forças republicanas francesas. Toussaint e milhares de negros se juntaram a eles em abril de 1793. Ao mesmo tempo, uma rebelião separada começou entre os negros livres no oeste de São Domingos. Embora as revoltas tenham causado grandes danos, os brancos

[12] MARGARET PRESCOD , INTRODUÇÃO A Our Time Is Now , de Selma James

mantiveram o controle das principais cidades da colônia. Eles tinham certeza de que as tropas eventualmente chegariam da França e acabariam com as rebeliões. Inicialmente, os líderes da insurreição escrava não exigiam a abolição total da escravidão. Em vez disso, eles negociaram a liberdade para eles e suas famílias e para um sistema sob o qual os escravos teriam trabalhado 3 dias por semana para si mesmos e 3 dias para seus senhores. Os brancos, no entanto, se recusaram a fazer qualquer concessão. Os mestiços livres no oeste e os brancos naquela região negociaram um acordo, mas logo se desfez. No outono de 1792, as tropas francesas conseguiram recuperar o controle da maior parte da ilha. Mas os franceses e os brancos da colônia estavam cada vez mais divididos entre si sobre a Revolução Francesa. Na França, o rei Luís XVI foi deposto em agosto de 1792, e uma nova assembleia mais radical, a Convenção Nacional[13], foi eleita. Quando esta notícia chegou a São Domingos, dividiu a população branca. Os revolucionários radicais na França enviaram um comissário, Sonthonax, para tomar conta da ilha, mas a maioria dos brancos se recusou a obedecê-lo. Sonthonax começou a buscar apoio entre os negros livres, insistindo que eles deveriam ter os mesmos direitos que os brancos. Em junho de 1793, forças brancas contrárias à Revolução e à concessão de direitos a pessoas de cor tentaram tomar o controle da principal cidade da ilha, Cap Français. Em menor número, Sonthonax fez um movimento radical: convocou os insurretos negros a atacar a cidade, prometendo que os escravos que lutassem ao lado da Revolução seriam libertados. Isso lhe permitiu derrotar os brancos, embora Cap Français tenha sido incendiado nos combates. Em agosto de 1793, Sonthonax estendeu seu decreto de abolição para cobrir toda a população escrava.

Como o autor Marco Morel [14]diz:

> "Durante o ano de 1792, continua intensa – dramaticamente intensa e violenta – a guerra entre negros e brancos, entre brancos e mulatos (…) Em setembro, chegaram a São Domingos três comissários enviados pela Convenção Nacional para implantar o direito de igualdade entre brancos, mulatos e negros livres, decretados em abril. Ou seja, mantinha-se o escravismo.
> O acompanhamento dos episódios reitera a afirmação de que foi a Revolução do Haiti que efetivou e empurrou a Revolução francesa para a abolição da escravidão – dissipando a ideia de que as ideias francesas iluminaram a colônia unilateralmente. O

[13] "A Convenção Nacional declara a escravidão abolida em todas as colônias. Em consequência, declara que todos os homens, sem distinção de cor, domiciliados nas colônias, são cidadãos franceses e gozam de todos os direitos garantidos pela Constituição"

[14] Morel, Marco. A revolução do Haiti e o Brasil escravista – *o que não deve ser dito. Sp: Pacco, 2017. P.104-107.*

> conflito irrompe entre as tropas colônias: o general Galbaud, colono, tenta destituir os comissários enviados pela Convenção e, malsucedido abandona a Ilha com numerosos soldados e outros colonos, em 20 de junho de 1793." (Morel, 2017, p. 104-106)

Desde o início da insurreição, vários generais negros surgiram como líderes do movimento lutando contra franceses e os brancos de Saint-Domingue. Um deles foi ex-escravizado Toussaint Louverture, é o maior revolucionário negro das Américas, o qual é reconhecido por pesquisadores como o maior comandante, depois de Napoleão Bonaparte no período de 1793 a 1814[15]. Os escravizados agiriam primeiro, rebelando-se contra os fazendeiros em 21 de agosto de 1791. Em 1792 eles controlavam um terço da ilha. Apesar dos reforços da França, a área da colônia ocupada pelos rebeldes cresceu, assim como a violência de ambos os lados. Antes que a luta terminasse, 100.000 dos 500.000 negros e 24.000 dos 40.000 brancos foram mortos. No entanto, os ex-escravizados conseguiram afastar tanto as forças francesas quanto as britânicas que chegaram em 1793 para conquistar a colônia e que se retiraram em 1798 após uma série de derrotas pelas forças de l'Overture. Em 1801, l'Overture expandiu a revolução para além do Haiti, conquistando a vizinha colônia espanhola de Santo Domingo (atual República Dominicana). Ele aboliu a escravidão na colônia de língua espanhola e se declarou governador-geral vitalício de toda a ilha de Hispaniola. Embora a Convenção Nacional tenha inicialmente denunciado esta ação como parte de uma conspiração para ajuda a Grã-Bretanha, a Convenção acabou votando pela abolição da escravidão em todas as colônias francesas. Muitos mulatos se opuseram a esse movimento porque eles próprios possuíam escravos.

Eventualmente, a Convenção Nacional reconheceu que os deputados dos colonos brancos os tinham induzido em erro. A Convenção tomou uma decisão crucial a 4 de fevereiro de 1794, quando a França se tornou a primeira nação na Europa a proibir formalmente a escravatura em todas as suas colónias. Outra novidade na história da Europa foi a presença de um representante negro e mestiço de Saint Domingue na Convenção. Embora o movimento abolicionista tenha celebrado a aprovação desta lei como uma vitória, ela não foi totalmente apoiada por argumentos idealistas. A Martinica e Guadalupe, dois territórios franceses menos significativos, já estavam sob as mãos

[15] Alexis, Stephen. 1949. *Black Liberator: The Life of Toussaint Louverture*. Londres: Ernest Benn.

britânicas. Se Sonthonax e Polverel não fossem capazes de convencer o povo negro a apoiá-lo, ameaçaram conquistar também Saint Domingue. Assim, a França tinha pouco a perder ao permitir a emancipação nas Caraíbas.

Em 1794, as forças de Toussaint e dos franceses, já haviam recuperado a vantagem em Saint Domingue, embora os britânicos continuassem a manter parte da ilha até 1798. Toussaint recebeu o posto de general das forças francesas. Durante este período, ele aumentou constantemente seu poder às custas de uma série de generais franceses e figuras políticas enviadas para governar a ilha.

Ao longo de 1795 e 1796, Louverture também se preocupou em restabelecer a agricultura e as exportações e manter a paz nas áreas sob seu controle. Em discursos e políticas, ele revelou sua crença de que a liberdade de longo prazo do povo de Saint Domingue dependia da viabilidade econômica da colônia. Ele era respeitado em geral e recorreu a uma mistura de diplomacia e força para devolver os trabalhadores do campo às plantações como trabalhadores emancipados e pagos. Os trabalhadores regularmente encenavam pequenas rebeliões, protestando contra as más condições de trabalho, a falta de liberdade real ou o medo de um retorno à escravidão. Eles queriam estabelecer suas próprias pequenas propriedades e trabalhar por conta própria, e não em plantações.

Das lutas emergiu figuras mais notáveis dessa Revolução Toussaint Louverture, um escravo que aprendeu a ler e escrever e na revolta de tornou peça chave para todo o desenvolvimento revolucionário. Nas zonas controladas por Toussaint, oficiais do exército tomaram grandes propriedades e mantinham os ex-escravizados sob disciplina militar. Em 1802, depois de consolidar seu poder na França continental, Napoleão Bonaparte restabeleceu a escravidão e o comércio de escravos nas colônias ainda sob controle francês e negou direitos políticos aos negros livres. Ele enviou uma força expedicionária a Saint-Domingue para fazer cumprir sua vontade. Toussaint e o enviou para de volta para França, onde acabou morrendo na prisão. Apesar de não desafiar oficialmente o domínio francês de Saint-Domingue, as ações de Toussaint Louverture colocaram a colônia no caminho da independência ao redigir uma constituição para a autonomia negra e um estado negro soberano. Napoleão Bonaparte, que havia tomado o poder na França em 1799, lançou uma ofensiva para restabelecer o domínio branco em Saint-Domingue entre 1802 e 1803, a fase mais violenta da Revolução Haitiana. No entanto, os outros combatentes continuaram a revolta até 1804, onde estabeleceram a república independente do Haiti

Figura 3 – Retrato de François-Dominique Toussaint Louverture Toussaint Bréda. (20 de maio de 1743 – 8 de abril de 1803) foi um líder da revolução haitiana.

> "Irmãos e amigos. Eu sou Toussaint Louverture; meu nome talvez seja conhecido de vocês. Eu realizo a vingança de minha raça. Quero que a liberdade e a igualdade reinem a São Domingos. Eu trabalho para faze-la existir. Uni-vos, irmãos, e combatam comigo pela mesma causa. Arranquem comigo as raízes da árvore da escravidão". (Morel[16], 2017, p.39)

Outro personagem importante para a Revolução Haitiana, é Jean-Jacques Dessaline, após prisão morte de Toussaint, Jean-Jacques Dessalines assumiu a liderança da Revolução.

Dessalines liderando 8.000 homens, toma posse de Le Cap, oficialmente chamado de Cap Français, e o renomeia como Cap Haitienreiniciou a luta contra os franceses e derrotou-os de maneira definitiva em novembro de 1803. Pouco tempo depois,

[16] Marco Morel é professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) escreveu o livro A Revolução Haitiana e o Brasil escravista (2017).

em 1° de janeiro de 1804, foi declarada a independência de Saint-Domingue. Após a declaração de independência, Jean-Jacques Dessalines escolheu o nome de Haiti para o novo país que havia surgido. O nome foi escolhido em homenagem às populações indígenas que habitavam a região antes da chegada dos europeus.

O governo do Haiti foi ocupado pelo próprio Dessalines. Após a independência, o Haiti tornou-se o único país das Américas que conquistou sua independência a partir de uma rebelião de escravos.

O nome foi escolhido em homenagem às populações indígenas que habitavam a região antes da chegada dos europeus. O governo do Haiti foi ocupado pelo próprio Dessalines. Após a independência, o Haiti tornou-se o único país das Américas que conquistou sua independência a partir de uma rebelião de escravos.

Figura 4 - eneral Jean-Jacques Dessalines (1758-1806), da série: Heros de l'independence d'Haiti (1804- 1806), pintando no Palácio Nacional, Port-au-Prince. Publicado pelo departamento de turismo do Haiti, edição especial: “Tricinquantenaire de l'Indépendance

Com o final da Revolução, o escritor Garran-Coulon transcreve a vitória dos negros:

> “Os negros… mostraram sua inteligência política após a vitória. É relatado que eles não perderam um homem,

> que muitas de suas unidades estavam melhor armadas do que os próprios brancos e que mantinham um fogo excelentemente coordenado".[17]

O sucesso da Revolução Haitiana enviou ondas de choque em todas as sociedades escravistas do Novo Mundo. Pela primeira vez na história do Novo Mundo, uma revolta de escravos culminou na derrota total das forças brancas. Embora tenha morrido antes da conquista da independência do Haiti, a história de Toussaint Louverture tornou-se uma lenda: um ex-escravo negro havia mostrado que podia derrotar os melhores generais brancos e enganar os políticos brancos mais habilidosos. O Haiti se tornou a primeira ex-colônia europeia onde pessoas de cor conseguiram derrubar a escravidão e a desigualdade racial. As memórias da Revolução Haitiana continuaram a influenciar os movimentos de libertação nos últimos dois séculos. Ao mesmo tempo, porém, Toussaint Louverture deixou um legado conturbado para a população negra do Haiti. A própria sociedade desigual que ele criou, baseada no domínio de uma casta militar, deixou uma marca duradoura na estrutura social do país. Além disso, não conseguiu superar as divisões entre os descendentes de pele mais clara do grupo mulato ou mestiço e a massa da população. Os conflitos entre esses dois grupos marcaram grande parte da história subsequente do Haiti.

O Haiti também teve uma longa luta para superar a hostilidade do mundo exterior. Os Estados Unidos nem sequer reconheceram o Haiti como nação soberana até 1862, e muitos haitianos ainda têm más lembranças do longo período de ocupação militar americana de 1915 a 1934. As imagens populares do Haiti nos Estados Unidos foram fortemente influenciadas por livros sensacionalistas e filmes sobre *vodu*; somente nos últimos anos antropólogos e estudiosos em estudos religiosos começaram a se interessar mais seriamente por esse aspecto da cultura haitiana.

Apesar do pequeno tamanho do Haiti, a Revolução Haitiana de 1791-1804 foi um evento importante na história mundial. Colocou a questão do que significaria se as pessoas de cor insistissem que as promessas de liberdade feitas pelas revoluções americana e francesa também se aplicavam a elas. A Revolução Haitiana foi a precursora dos movimentos anticoloniais modernos no Terceiro Mundo.

Os historiadores das relações raciais na história dos Estados Unidos têm muito a aprender com a Revolução Haitiana. As revoltas de escravos nos Estados Unidos

[17] Garran-Coulon, 2:609

não tiveram sucesso, mas o exemplo haitiano mostra que seu fracasso não foi inevitável. Toussaint Louverture e seus apoiadores demonstraram que os negros eram capazes de derrotar os exércitos brancos e estabelecer um governo funcional. Entre 1798 e 1802, Saint Domingue sob o governo de Toussaint ofereceu um vislumbre da possibilidade de que uma sociedade escravista do Novo Mundo pudesse se transformar em uma comunidade genuinamente multirracial.

Estes foram apenas alguns dos homens que se destacaram no contexto da Revolução Haitiana, cabe destacar que muitos outros homens lutaram em tal processo, mas não tiveram seu nome lembrado, exaltado pela historiografia.

Tal como as mulheres, muitos homens foram deixados a margem de uma história que é contada a partir de interesses que corroboram com a dinâmica da sociedade em que vivemos.

No entanto, o fato de não serem lembrados, não significa dizer que não tiveram fundamental importância para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. É difícil medir a extensão total do impacto da Revolução Haitiana nas sociedades escravistas.

O nome Haiti foi batizado após a Revolução em homenagem aos povos que antecederam aos negros africanos.

A luta foi violenta e empreendida por líderes, mas o povo haitiano reafirmou a força diante de todo o mundo da época, sendo pioneiro nessa caminhada em prol da liberdade e da reafirmação dos direitos que deveriam estar assegurados, principalmente para a condição desigual que mulheres e crianças tinham com relação aos homens.

O homem branco era considerado superior ao homem negro, qualidade esta que é imposta até a atualidade, trazendo consequências devastadoras, especialmente confirmando a desigualdade social do país, considerado se não o mais pobre da América Latina, um dos mais, ratificando a extrema pobreza que vem se solidificando e colocando em pauta o quanto uma colonização de exploração trouxe para o continente americano. O Haiti é reflexo desse movimento de desigualdade.

Mesmo sendo fortes, corajosas e com um ímpeto de trabalho, a mulher haitiana precisou e ainda necessita reafirmar o seu lugar no mundo e modificar a história que foi imposta pelo colonizador, trazendo uma nova roupagem diante deste novo século.

Mesmo com o passar dos séculos, o processo escravista assumiu novas imagens, colocando o negro na base da pirâmide social, tendo seus direitos básicos renegados, como alimentação, moradia, emprego, condições de excelência em saúde,

educação e segurança. É uma condição onde as características de gênero e etnia acabam confirmando injustamente o lugar de cada pessoa na base da sociedade.

Precisamos reafirmar a igualdade e condição de direitos para todos os povos, postulando a Constituição como Carta Magna desse conceito universal, sem distinção alguma por questões socioeconômica, social, histórica ou de outra ordem.

Capítulo II

As facetas femininas

2.1 – Mulheres nas revoluções

A luta das mulheres por equidade e respeito na sociedade remonta a séculos.

A guerra nunca foi um estimulo unicamente masculino. Caminhar para vitória requer toda ajuda necessária. Durante os períodos revolucionários, as mulheres desempenharam inúmeros papéis importantes na garantia da liberdade da nação. Juntamente com a ajuda ao esforço de guerra em casa, várias mulheres serviram como soldados, mensageiros e espiãs.

O protagonismo feminino nas transformações das sociedades é notório, mas sua participação é sempre associada a figura de um homem, seu protagonismo é omitido, e não vangloriada. As ações revolucionárias permitiram que várias mulheres agissem politicamente por meios de causas sociais, boicotes e lutas contra a escravidão, se reunindo outras para causas políticas, e lutando contra um sistema que não as favoreciam.

Na mesma linha, o feminismo, que tipicamente empurra para a igualdade, só pode ser um verdadeiro ato de rebelião. Do mesmo modo, qualquer ato de promoção da igualdade e da justiça deve ter uma identidade e um impacto feminista. Um não pode ser mencionado sem mencionar o outro, e um não pode ser eliminado sem mencionar o outro.

Com a entrada das mulheres dentro nas causas sociais e políticas, em razão das guerras, onde ocorreu a industrialização e o início dos movimentos feministas, as mulheres onde as mulheres expandiram suas áreas de atuação, não se limitando apenas ao meio doméstico e familiar, os papéis de gênero se redefiniram, e assim a mulher passou a ser vista como um ser social (MILTERSTEINER et al., 2020).

Das bruxas perseguidas da Idade Média às sufragistas que saíram às ruas para conquistar o direito ao voto, é impossível separar os períodos importantes da humanidade das feministas que se seguiram aos anos. A luta contra a estrutura patriarcal é muito mais nos dias de hoje. E essa questão, por si só, quando paramos para refletir sobre todo o processo que nos trouxe até aqui, já é um problema. Obviamente não por causa da discussão que, mais do que necessário, é um direito das mulheres por causa do tempo que passou antes que as mulheres estivessem livres de falar abertamente sobre suas necessidades e escolhas.

Em 1932, o processo de voto feminino foi garantido pelo primeiro Código Eleitoral brasileiro: um grande passo para as mulheres que, desde a Constituinte de 1891, reivindicavam o direito ao voto. Essa conquista só foi possível após a organização dos movimentos no início do século XX, que atuaram intensamente e exaustivamente no movimento sufragista, influenciou, sobretudo, a luta das mulheres no Direitos políticos dos Estados Unidos e da Europa.

O cartão de crédito, que está presente na vida da maioria hoje, há muito tempo é direito exclusivo dos homens. Até 1974, os bancos queriam ditar como as mulheres conseguiam seu dinheiro. Mulheres solteiras ou divorciadas solicitando um cartão de crédito ou empréstimo tinham que estar acompanhadas por um homem para assinar o contrato.Foi somente em 1974 que a "Lei de Oportunidades Iguais de Crédito" foi aprovada para que os clientes não fossem mais discriminados com base no sexo ou estado civil.

Em 8 de março de 1917, uma manifestação na Rússia reúne 90.000 mulheres contra a tzar Nicolau II e a participação do país na Primeira Guerra Mundial. O evento, que exigia também melhores condições de trabalho a cessação imediata da fome que se alastrava no país, assumiu proporções inimagináveis e culminou na chamada Revolução de Fevereiro, prenúncio da a Revolução de Outubro, derrubou o *tzarismo,* deu poder aos sovietes e à construção da URSS.

Para comemorar o centenário desta data incendiária, foi publicada em *La Révolution des femmes*, uma antologia que reúne dezenas de minutos, panfletos e ensaios de autores russo-soviéticos produzidos neste período de convulsão social e política. Nesta escrita de intervenção e reflexão sobre a condição e a emancipação da mulher, destaca-se sobretudo a importância da igualdade entre os gêneros na luta da classe trabalhadora: a distinção entre mulheres e homens interessava apenas a algumas pessoas, já para a Revolução a luta deveria ser de ambos.

Ao longo do período moderno, os papéis difundidos pelo discurso pastoral, como a da virgem e da boa esposa, além dos estereótipos socialmente condenáveis, essa complacência, a mulher, a adúltera e o caluniador velho, desenham a construção de uma parte considerável das representações imagéticas no teatro e na literatura dramática. De acordo com a historiadora Michelle Perrot, “as mulheres são mais imaginadas do que descritas ou” e fazer sua história exige “entrar nesse bloco de representações que as cobre e deve necessariamente ser analisada”.

No que diz respeito a Portugal, as investigações teatrais têm contribuído para a compreensão dos valores e contradições da sociedade do século XVI, considerando que as representações produzidas por este teatro podem revelar diferentes sensibilidades da época.

As mulheres sempre estiveram presentes em movimentos de protesto e mobilizações em nossa história. No período da Ditadura não foi diferente. Resistem de muitas maneiras: organizam-se em clubes de mães, em associações, em comunidades eclesiásticas de movimentos contra o custo de vida e creches. Desafiando o tradicional papel feminino, elas participam do movimento em partidos e sindicatos. Além disso, embora ainda superasse o número de homens, pegaram em armas para tentar derrubar os militares. Foram duramente reprimidas. Foram elas ainda que iniciaram o movimento pela anistia.

A resistência à ditadura militar teve a ativa e protagonista participação de muitas mulheres, de diferentes formas. Participaram do movimento estudantil, partidos e organizações clandestinas, contestando o papel de passividade da domesticidade que a sociedade da época lhes atribuía diante do machismo difundido em toda a sociedade. Com uma grande quantidade de mulheres, a maioria jovens com menos de 30 anos e estudantes participaram diretamente da luta armada. Muitas delas foram presas e outras tantas assassinadas. Tornaram-se conhecidos por sua coragem e sua participação em ações armadas. Não é o número de mulheres que participam das organizações que rompe com papéis tradicionais, mas a qualidade dessa prestação.

Mesmo que fossem ativas, as mulheres encontravam obstáculos dentro das organizações em que participavam, em geral não absorviam totalmente sua participação. Ou porque o questionamento dos valores do comportamento machista foi tratado como uma questão menor entre as grandes questões da revolução; seja porque consideravam a gravidez e a maternidade algo incompatível com a militância ou mesmo por uma certa "divisão sexual" das tarefas revolucionárias. Era raro que se tornassem líderes destes, mas às vezes se encarregavam das ações mais perigosas, justamente porque eram menos visados pelos repressivos. Muitos desempenharam papéis de liderança no combate armado contra as forças de segurança do regime.

Das mulheres que participaram na guerrilha muitas foram mortas ou ainda estão sendo procuradas até hoje. Quando não eram guerrilheiras, as mulheres atuavam como enfermeiras e professoras, como na Guerrilha do Araguaia, onde formaram o primeiro elo de integração com a população camponesa local.

Algumas mulheres militares Brasileiras; Anita Garibaldi (1821 - 1849) - Líder militar e Brasileira, Anita Ribeiro de Jesus, conhecida como Anita Garibaldi, nasceu em Morrinhos, atual Laguna (SC). Casou-se aos 14 anos, mas abandonou o marido. Em 1839 conheceu Giuseppe Garibaldi, um italiano que fugia de uma sentença de morte na Itália.

Maria Quitéria (1792 - 1853) – Militar; Maria Quitéria nasceu numa fazenda perto de Feira de Santana (BA) e aos 10 anos perdeu a mãe. Quando começou o processo de independência do Brasil foram convocados todos os homens em idade de lutar.

Já na França as mulheres de classe alta também fizeram parte da revolução, mulheres da alta sociedade parisiense frequentemente atuavam como salões de beleza, dando recepções noturnas onde notícias sobre educação, classe e direitos individuais. Essas senhoras, embora não gozassem de direitos legais, exerciam uma significativa influência indireta no mundo da política e da diplomacia.

Uma das *salonnières* mais influentes da época foi Sophie de Condorcet. Ela trabalhou com seu marido, o Marquês de Condorcet, em um documento intitulado "Sobre a admissão das mulheres aos direitos civis", que diz: "… os direitos dos homens resultam simplesmente do fato de serem seres racionais e sensíveis, suscetíveis de adquirir ideias de moralidade e de raciocinar sobre essas ideias. As mulheres que têm, então, as mesmas qualidades, têm necessariamente os mesmos direitos." Igualmente influente nos escalões superiores foi Germaine de Staël, mais conhecida como Madame de Staël.

Filha do famoso Ministro das Finanças, Jacques Necker, tem um lugar privilegiado na sociedade e coloca-a em condições de desafiar a estrutura patriarcal vigente no século XVIII. Com apenas 22 anos, publicou o livro "Cartas sobre a obra e o caráter de Jean-Jacques Rousseau". Germaine de Staël – Outra figura revolucionária foi Madame Roland. Muito perspicaz, ela trouxe seu marido à tona na cena política francesa, o ajudou a escrever projetos de lei e discursos parlamentares, e desempenhou um papel dentro do partido girondino. Escreveu, na prisão, "Memórias para a minha filha" e "Últimos Pensamentos". Antes de ser guilhotinada, ela teria exclamado o famoso: Ó Liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome.

Talvez a revolucionária mais intrigante seja Théroigne de Méricourt, uma próspera camponesa que participou da Tomada da Bastilha, da marcha de mulheres até o Palácio de Versailles para trazer para Paris " o padeiro, a padeira e o pequeno aprendiz ", termos usados para se referir ao Rei Luís XVI, à Rainha Maria Antonieta e ao delfim, e da invasão do Palácio das Tulherias. Também arrancou aplausos por seus discursos no famoso Clube dos Cordeliers. Outra feminista que se destacou na época por sua

eloquência foi Etta Palm d'Aelders, também conhecida como a Baronesa de Aelders. Seu discurso sobre a injustiça das leis em favor das mulheres, pronunciado em 1790, no nacional francês. Ela também foi uma das fundadoras da organização de história exclusivamente feminina da França, a Sociedade e Caridade de Mulheres Amigas da Verdade. A Sociedade de Cidadãos Republicanos Revolucionários, fundada por Claire e Pauline Léon, foi outra organização de mulheres em Congregando principalmente mulheres da classe trabalhadora, apresentava como objetivo principal defender a França e a revolução.

Mulheres como Marie Curie, Maria Bochkareva, Anna Coleman e Leolinda Daltro tiveram suas trajetórias recortadas pela Primeira Guerra Mundial.

Mulheres Russas também não ficaram de fora das revoluções no seu país. Engajada na causa marxista, a política Nadezhda Kroupskaïa, esposa do líder comunista Vladimir Lénine. Nascido de um pai militar em uma família nobre de Nadezhda participou de vários clubes de discussão enquanto estudava no Ginásio Feminino.

Inessa Armand Inessa nasceu em uma família de artistas em Paris, mas foi criada em Moscou por sua tia e avó. Aos dezenove anos, casou-se com o herdeiro de um homem rico que fabricava tecidos.

A revolucionária Natália Sedova foi a segunda esposa do marxista Leon Trótski, além de organizar o Exército Vermelho, Trótski também conduziu a transferência do poder político para os soviéticos com a Revolução de Outubro de 1917.

A estadista e diplomata Aleksandra Kollontai foi a primeira mulher a assumir a posição de ministra na história do país. Graças a sua atividade política, as mulheres adquiriram direitos por lei na Rússia.

A estadista e diplomata Aleksandra Kollontai foi a primeira mulher a assumir a posição de ministra na história do país. Graças a sua atividade política, as mulheres adquiriram direitos por lei na Rússia.

Se considerarmos desde o início da era contemporânea, ou seja, desde a Revolução Francesa de 1789 – até hoje, podemos dizer que a participação dos movimentos políticos e sociais de mulheres avançou significativamente. No próprio processo que marcou a transição da era moderna para a contemporânea, a revolução da França do século XVIII, o papel das mulheres foi bastante importante, como movimentos como a March on 5 de outubro de 1789. Na ocasião, um grupo de milhares de pessoas das classes mais baixas, em sua maioria mulheres, protestou contra o aumento dos preços dos alimentos e a escassez de pão.

Ao longo da Revolução, as mulheres participaram de diversos movimentos, inclusive pela defesa de seus próprios direitos. Em 1791, foi proposta a Declaração dos Direitos da Mulher do Cidadão em resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, que igualava direitos e liberdades para os franceses a queda do Antigo Regime, mas não inclui as mulheres em suas decisões. Porém, sua autora, Olympe de Gouges, foi condenada e morta. Ao mesmo tempo, em outra nação europeia, a Inglaterra, surge um movimento feminista, com o pioneirismo de Mary Wollstonecraft de a partir de 1792, publica trabalhos defendendo os direitos das mulheres em diversos campos, como como educação eleitoral, defendendo que esses direitos eram iguais aos dos homens. Seus escritos são considerados os fundadores do feminismo.

Ocorreu também no mesmo período, fora da Europa, a Revolução teve a importante articulação das mulheres em seus desdobramentos. O resultado foi a independência da antiga ilha de São Domingos, colônia francesa, e o fim da escravidão no local.

2.2 – Ocultamento das mulheres haitianas na Revolução

O objetivo desse trabalho consiste em problematizar o ocultamento da participação de mulheres em processos de Revolução, enfatizando tal ocultamento na Revolução do Haiti.

O processo de inviabilização aos quais as mulheres foram submetidas ao longo dos anos, se baseia na discriminação de gênero e continua sendo um problema persistente em todo mundo. As mulheres haitianas e de outras culturas são invisibilizadas em diferentes situações e lugares de uma sociedade patriarcal que, infelizmente, se manifesta em uma perspectiva de desigualdade, pois a sociedade é masculina, construída por homens e para homens. Khin Ohmar, ativista dos direitos das mulheres em Mianmar, diz: “Os homens pensam que têm poderes especiais apenas por serem homens” (Equal times), na situação que passa Mianmar, as mulheres estão enfrentando o regime ditatorial na linha de frente, porém, não são reconhecidas, tendo sempre um homem em destaque.

As mulheres são apresentadas como gênero frágil, observamos que elas reproduzem papéis convencionais de gênero: o gênero masculino aparece em esferas de poder, ligadas a competição ou guerras, enquanto as mulheres, quando não são invisíveis, aparecem vinculadas à beleza de deus corpos, o que leva a serem apresentadas como objetos sexuais ou como vítimas de violência de gênero. A invisibilidade das mulheres

nas esferas sociais, mostra que deus interesses não são representados, como mostra a seguir:

> E é que a presença das mulheres é equilibrada em relação aos homens na cultura, na discriminação, na educação, no meio ambiente e na saúde, e até na questão de gênero a presença das mulheres supera a presença dos homens, como se as questões de gênero eram apenas mulheres. Nos restantes temas: corrupção, defesa, economia, eleições, infra-estruturas, interior, justiça, política externa, problemas administrativos e políticos, terrorismo, trabalho ou habitação, predominam os homens. Essa distribuição genérica não é por acaso, como se nota em comum: é na alta política que os homens predominam e é nas questões sociais que há um certo lugar para as mulheres políticas (Gómez-Escalonilla et al., 2008, p. 64).

Isso se remete à realidade profunda da nossa sociedade, caracterizada pela discriminação e subordinação das mulheres, fato que reproduz a ordem de gênero estabelecida pelo patriarcado, pois, por exemplo, de cada seis líderes que aparecem apenas um é feminino.

Entende-se que pensar no ocultamento das mulheres em processos revolucionários, colabora com a construção de uma determinada memória de tais processos históricos, memória está que coloca homens como “heróis”, pouco ou nada dizendo sobre o papel das mulheres em tais experiências. Desse modo, indica-se:

> Apesar da revolução do Haiti ter sido uma revolução composta por homens e mulheres, em conjunto, a história “apagou” as mesmas, que em grande medida foram tão importantes como Toussaint e Dessalines e tiveram um papel fundamental na revolução desde seu início, mas, quem foram essas mulheres? A Revolução Haitiana foi instigada pelos africanos na tentativa de não apenas se libertar, mas de remover completamente os franceses da ilha. Os rebeldes usaram uma variedade de táticas para atingir esse objetivo; as mulheres participaram de todos os níveis da revolta.

A história do Haiti é composta por grandes mulheres como Brigitte, Concubina de Rodet, e todo o movimento de mulheres envenenadoras (que foram, como conhecemos "escravas da casa" que ao alimentar seus senhores os envenenava e possibilitava a fuga de outros escravizados).

O Haiti foi claramente uma exceção na conjuntura latino-americana. Enquanto outros processos de independência hispano-americanos, em geral, caracterizam-se como revoluções políticas e anticoloniais, o Haiti tem uma revolução social abrangente. Em síntese, o ciclo de independência caracterizou-se por seu objetivo de mudar os titulares do poder político, a autoridade metropolitana. O poder mudaria de

mãos, mas não seria distribuído uniformemente ou completamente eliminado. As mudanças no quadro dessas insurgências foram profundas o suficiente para transformar o contexto.

O Haiti, por outro lado, apresentou uma revolução popular que mudou permanentemente a estrutura social da nação. Ao final do processo, a escravidão estava permanentemente fora do território haitiano; a primeira república Negra foi fundada da história e os conceitos ocidentais de igualdade haviam sido expandidos a proporções inimagináveis para o status quo da época.

A Revolução Haitiana foi não apenas política e anticolonial, social e democrática, criando uma imagem sem precedentes entre as independências do continente americano. A constituição de 1805, construída após a guerra de independência, declarou abolida a escravidão em território haitiano para todo sempre, além de que todos os habitantes passariam a ser chamados de negros.

A Revolução Haitiana não apenas significou a independência de um país, mas também um ataque direto às bases culturais e sociais da ordem colonial do mundo ocidental moderno.

Além do forte prejuízo das grandes potências os haitianos tiveram que pagar uma quantia vertiginosa à França por 122 anos, o que prejudicou de forma duradoura a economia do país. França, Inglaterra, Espanha e Estados Unidos formaram um bloqueio econômico contra o país com o objetivo de obrigar ao pagamento das referidas indenizações.

Além disso, por muito tempo o nome Haiti foi rechaçado nas demais colônias americanas, uma vez que as elites coloniais temiam que o episódio dos escravos de Saint Domingue chegasse a influenciar seus próprios explorados. Este episódio ficou conhecido como o "terror do Haitianismo".

Depois de estabelecer uma breve contextualização do episódio, podemos entrar nos debates sobre a história e o gênero. Desde muito cedo, as acadêmicas feministas apontavam que uma perspectiva feminina traria muito para a produção de conhecimento. No campo da história, iniciou-se com a chamada História da Mulher, que acrescentou temas e também novas visões de episódios já estudados do processo de estudo do passado.

No entanto, era preciso ir além, questionar as premissas em que se baseava o trabalho científico que existia para sair de uma possível história sectária de um grupo e de uma visão feminista de relações que constroem a história.

> "O feminismo é uma filosofia que reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas nas como iguais, mas como equivalentes. As feministas denunciam que a experiência masculina tem sido privilegiada ao longo da história, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada. Elas demonstraram ainda, que o poder foi, e ainda é, predominantemente masculino, e seu objetivo original foi a dominação das mulheres, especialmente seus corpos".

É daí que vêm os estudos de gênero. Em oposição e/ou em complementaridade com os Estudos Feministas, que se dedicavam às mulheres e mantinham estreita relação com o ativismo político dos cientistas, esse novo método privilegiará a compreensão do gênero como categoria geradora de importantes relações de poder.

Aqui está o famoso conceito do historiador Joan Scott de gênero como percepção das diferenças sexuais, em que as diferenças são hierarquizadas de forma binária e influenciaram profundamente os vícios da sociedade ocidental. A autora diz:

> "Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado ("as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente" ou "a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica"). No que diz respeito à participação das mulheres na história e a reação foi um interesse mínimo no melhor dos casos ("minha compreensão da Revolução Francesa não mudou quando eu descobri que as mulheres participaram dela"). O desafio lançado por este tipo de reações é, em última análise, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais".

De fato, para combater a violência de gênero, o racismo e o machismo cultura deve ser combatido em todas as frentes, e os tratados e leis sobre o assunto ainda são insuficientes. É necessário compreender como a violência contra as mulheres é produzida através de relações sociais hierárquicas, bem como de mecanismo de relações laborais que continua a relegar as mulheres para posições de destaque.

Por outro lado, as políticas de coalizão entendem que é e necessário manter a unidade da categoria, desde que essa unidade seja concebida como resultado de uma identidade parcial através a criação de comunalidades, lutas políticas que devem ser travadas por mulheres".

Aqui entende-se que, é claro não há natureza ou essência feminina, mas que, infelizmente, o sexo biológico acaba levando a certa socialização a experiências muito específicas no contexto em que vivemos. Vivem, gerando a construção e a imposição de uma certa experiência feminina, que une indivíduos bastante diversos de uma determinada categoria.

Mas também não podemos esquecer que estamos falando de mulheres negras, principalmente africanas, que foram escravizadas. Aqui, também é interessante abordar autores que atravessam as opressões de gênero e raça.

Nesse sentido, o diálogo teórico se daria, principalmente, pelos trabalhos de Patrícia Hill Collins, Ângela Davis e Hooks, grandes nomes do feminismo negro norte-americano.

Ângela Davis, ativista negra, feminista e marxista, em seu clássico Mulher, Raça e Classe, faz uma análise teórica das contradições existentes na sociedade de classes, mostrando relações intrínsecas entre capitalismo, sexismo e racismo. A mulher negra estava a parte do movimento feminista e suas demandas e pautas estavam ausentes, ao se falar sobre raça o sujeito é o homem negro, ao se falar sobre gênero o indivíduo é a mulher branca. E a mulher negra não é branca e nem homem, perdendo a si mesma, ela é colocada como "o outro do outro" (RIBEIRO, 2017 P.40-41)

Assim, ao contrário do que foi afirmado, o antirracismo não é contra o Outro, mas uma batalha por nessa relação com o outro, que permitiria a defesa da autonomia e a condenação do racismo e escravidão.

Nesse arcabouço, as mulheres negras seriam vítimas, principalmente, da opressão expressa na autoimagem e relacionamentos. Estes seriam naturalizados como vítimas da erotização extrema e sua exclusão do mercado afetivo. Enquanto a mulher negra é vista como destinada ao trabalho doméstico feminizado e ao mercado do sexo e "exotismo", a mulher branca é vista como pertencente à cultura afetiva, vinculada ao casamento e à união estável.

Uma vez estabelecido o quadro geral da independência haitiana, das independências latino-americanas e do debate de gênero, é hora de abordar as intersecções

entre esses temas. Infelizmente, a bibliografia sobre o Haiti, especificamente, é muito escassa, quase inexistente.

É de conhecimento de todos que, ao longo de toda a história, as participações femininas foram ocultadas e silenciadas, uma vez que às mulheres estava reservada esfera do doméstico e do privado.

Nesse sentido, o autor Carlos Machado indica que:

> Existiu o movimento de mulheres envenenadoras, que ao alimentar seus senhores os intoxicaram e possibilitava a fuga de outros escravizados. A prática espiritual do vodu foi uma ferramenta da liberdade. As *mambos*[18] facilitaram a organização do movimento de libertação. As *mambos* também conheciam remédios de ervas e venenos, que foram armados e usados contra escravocratas. A mambo mais famosa foi Cécile Fatiman do culto aos Lwa ou Loa, mais conhecido como voduns. Cécile ao lado de Dutty Boukman foi responsável pela cerimônia mais importante do vodou na história do Haiti, que foi a Bwa Kayiman ou Bois Caiman (crioulo haitiano Bwa Kayiman: "Floresta de Jacarés") em 14 de agosto de 1791, na qual todas as pessoas presentes se comprometeram com a luta pela liberdade.

Por meio dos apontamentos feitos pelo autor, é visível a significância das dinâmicas elaboradas pelas mulheres no que tange o enfrentamento com os franceses.

Desse modo, o movimento das mulheres "envenenadoras" foi responsável pela libertação de diversos escravizados, envenenado os senhores e proporcionando assim, a possibilidade da fuga dos negros e a busca pela liberdade, bem como a oportunidade de se juntarem a luta pela libertação total da ilha.

As mulheres estavam ao lado com seus homens e seus filhos na luta pela a libertação do povo, e a história do Haiti está repleta de mulheres que, na África, tomaram as lutas de frente como pode ser visto nos guerreiros Ahosi conhecidos como guerreiros do Daomé, os Candacs, entre outros que destacam a herança do matriarcado africano.

Assim, as mulheres do Haiti emergem dessa linhagem e têm em mente a luta ancestral das mulheres africanas, que já estava em movimento muito antes de qualquer ideologia do Ocidente.

[18] Manbo (também escrito como mambo), é um termo que deriva de fon nanbo (mãe da magia), é uma sacerdotisa na religião vudu haitiana. Como sua contraparte masculino, o oungan (ou houngan), ela realiza cerimônias, iniciações, curas e adivinhações. Ela é uma guia espiritual para aqueles que fazem contato com os deuses por meio da possessão. Se símbolo é o ason, chocalho que recebe na ocasião de seu reconhecimento como sacerdotisa. Usa tanto para invocar os deuses quanto para dirigir rituais.

Foi esquecido ou propositadamente encoberto que as mulheres participantes dos movimentos pela independência atuaram num circuito claramente identificado com o da política, motivado por ideias, sentimentos e crenças que as levaram a romper com os padrões sociais e religiosos vigentes.

Que possamos conhecer, exaltar e honrar a herança de tudo isso e construir nosso movimento a partir de nossas referências.

Assim como essas bravas mulheres; Cécile Fatiman, Suzanne Sanité, Marie-Jeanne Lamartiniere, Dédée Bazile, Henriette Saint Marc, Félicité, Catherine Flon.

2.3 – De frente ao front

Inúmeros rostos, inúmeras histórias, uma causa. Essa a Revolução do Haiti. O levante de escravizado mais bem-sucedido da história. Mesmo com sua participação eminente durante todo o confronto, as mulheres haitianas são submetidas ao ocultamento.

As mulheres são a espinha dorsal da sociedade haitiana, mas sempre são apagadas por uma figura masculina. Nos dias atuais, dois terços das mulheres haitianas participam da força de trabalho, trabalhando arduamente para construir uma vida melhor para suas famílias e comunidades.

Se remontarmos ao passado, essa é a mesma estrutura da sociedade de *Saint-Domingues*, as mulheres nunca deixaram de ter sua participação ativa seja na econômica, política ou questões sociais, sempre estiveram a frente de suas causas.

O papel da mulher é sempre escondido ou não reconhecido. As guerreiras haitianas, desempenharam papéis semelhantes aos dos homens, então havia tenentes e sargentos que eram mulheres. Havia líderes de brigadas, e comandantes de exércitos, que realmente protegiam alguns dos líderes que conhecemos, cujos nome conhecemos. Enquanto livros se concentram nos líderes masculinos da Revolução Haitiana como Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines, a participação feminina no confronto é esquecida, e nem mencionada. A ausência de documentação sobre suas vidas não apaga os papéis que elas desempenharam como protagonistas na luta contra o colonialismo. Documentos contemporâneos provam que mulheres negras haitianas participaram de combates, mas, infelizmente muitas vezes se referem a elas como entidades anônimas.

A presença das mulheres na revolução, veem sendo evidencia o longo dos anos, ainda existe poucas pesquisas sobre, mas, cada vez mais está surgindo novos relatos sobre suas participações em campo.

Ao logo dessa visão de ocultamento feminino, legado das guerreiras haitianas veem sendo evidenciadas colocando-as como participantes ativas nos conflitos revolucionários.

A falta de visibilidades das mulheres não contribuiu para o seu empoderamento, assim, não mostrando suas histórias. Esta invisibilidade afeta todos os aspectos de uma história na referenciadas, e de sua vida individualmente e coletivamente. Como resultado, temos que empoderar essas trajetórias para lembrar de seus feitos que ficaram para história. Como o autor CLR James diz:

> "Quando a história é escrita como deve ser escrita, é a moderação e a longa paciência das massas que surpreendem os homens, não sua ferocidade."

Estudar a Revolução do Haiti, é aprender sobre a mulheres negras. Entrando mais afundo no universo feminino desse processo, é um tema emblemático envolvendo muitas questões. Mulheres negras eram vítimas de todo tipo se subjetividade empostas pela escravidão. Além do trabalho forçado e das condições cruéis em que viviam essas populações escravas, elas sofriam múltiplas discriminações por causa de seu gênero e cor da pele. Não apenas estupradas e abusadas pelos mestres, elas também representam um forte valor econômico para sua barriga. Vítimas dos mais brutais tratamentos, as mulheres haitianas eram torturadas e mutiladas, elas também eram estupradas, e usadas como reprodutoras para ampliar a população de escravos. As mulheres negras, tinham seu trabalho explorado igualmente aos dos homens, mesmo com todas essas terríveis experiências de escravidão, essas mulheres resistiram e foram de suma importantes para os primeiros levantes.

As guerreiras haitianas, que participaram dos levantes revolucionários, sempre se opuseram contra o sistema, mesmo antes da revolução. Quando se menciona um líder masculino é esperado um comportamento assertivo, confiante, agressivo, autocrático sendo um indivíduo de personalidade, enquanto na liderança feminina, trazendo todo o viés histórico-cultural, tem uma expectativa de comportamento mais democrático, de compaixão, levando em consideração uma forma de agir mais empática. Em contrapartida a expectativa de uma liderança feminina, a modo que sejam mais

respeitadas em diferentes ambientes mostra-se uma tendência a reprimir comportamentos que são estereotipados a figura feminina para que sejam aceitas pelo grupo como uma líder.

Com isso, evidencio os rostos e as histórias das mulheres que foram ofuscadas nas bibliografias, quando os homens são vangloriados:

Cécile Fatiman (1771-1883), nasceu de uma escrava africana e de um homem branco da Córsega e foi vendida como escrava à colônia francesa de São Domingos, no Caribe. Cécile era um mambo, que é uma alta sacerdotisa do vodu cuja principal responsabilidade é manter os rituais e as relações entre os espíritos e a comunidade. Como mambo, Cécile presidiu uma cerimônia com Hougon Dutty Boukman no Bois Caïman em agosto de 1791. Essa cerimônia de vodu incluiu um ritual religioso e um encontro que planejava uma rebelião de escravos contra os senhores de engenho franceses no norte de Saint-Domingue. Durante essa cerimônia, Cécile cortou a garganta de um porco preto e ofereceu seu sangue aos participantes, e pareceu possuída pela deusa Erzulie. Juntamente com Dutty Bouman, ela instou a plateia a se vingar de seus opressores franceses e "deixar de lado a imagem do Deus dos opressores". Também foi profetizado que os escravos Jean François, Biassou e Jeannot seriam líderes de um movimento de resistência e revolta que libertaria os escravos de Saint-Domingue. Depois, a cerimônia em Bois Caïman Northern Saint-Domingue estava em destruição enquanto escravos violentamente queimavam e matavam a região. Poucos dias depois do ritual de Fatiman, os rebeldes destríram quase 2.000 plantações e, antes que percebessem, tinham uma revolução em suas mãos.

Cécile não foi apenas instrumental na criação do Haiti, ela mais tarde se tornou uma primeira-dama através de seu casamento com o presidente Louis Michel Pierrot. Como primeira-dama, era a mulher mais visível de seu país e servia de modelo na época. Também é importante notar que seu papel na revolução haitiana deu ao marido a oportunidade de concorrer a um cargo político por causa do sucesso da revolta de escravos.

Cécile Fatiman foi uma guerreira que levou os escravos de São Domingos a lutar por sua liberdade e romper suas cadeias de repressão. Ela não abateu ninguém com facões ou lutou em batalha, mas foi sua orientação espiritual e poder que levou outros escravos a fazê-lo. Cecile Fatiman teve um enorme impacto no mundo e ainda é altamente respeitada na cultura haitiana hoje.

Figura 5 - Cecile Fatiman. Autoria: Desconhecida. 1791. Acervo: Desconhecido.

Suzanne Sanité Bélair (1781 – 1802), considerada Afranchi , uma pessoa de cor livre, ela experimentou restrições à liberdade que a obrigaram a se juntar à luta pela independência do Haiti da França . Ela se casou aos 15 anos e passou os seis anos restantes de sua vida engajada na guerra com o exército francês para garantir a independência do Haiti. Sanité era feroz e visionário, chegando a tenente no exército de Toussaint Louverture durante a revolução haitiana.

Quando ela foi capturada, junto com seu marido, pelo exército francês, ela disse a seu amado para "morrer bravamente" antes de encontrar sua morte por um pelotão de fuzilamento. Por lei, as mulheres tinham que ser decapitadas. Mas ela se recusou a ser levada ao quarteirão e vendada. Sanité forçou as mãos de seus carrascos exigindo morrer por um pelotão de fuzilamento. Ela era um soldado, afinal. Enfrentando a morte iminente, ela lutou para morrer em seus termos e venceu. Sanité foi morto diante de uma platéia de haitianos escravizados (uma demonstração dos franceses sobre as consequências da busca pela liberdade). Antes de ser morta, ela gritou: "Viv Libète anba esklavaj! ("Liberdade, não à escravidão!").

Em 2004 para comemorar os 200 anos da independência do Haiti, seu rosto foi estampado em uma nota de 10 gourdes, como forma de reconhecimento de sua bravura e lealdade.

Figura 6 - Retrato de Sanite Bélair em uma nota haitiana de 10 Gourdes de 2004. De uma série de notas comemorativas do 200º aniversário da independência do Haiti (1804 - 2004).

Marie-Jeanne Lamartiniére (desconhecido), ela serviu no exército haitiano durante a Revolução Haitiana. Lermartiniére serviu na batalha de Ctête-à-Pierrot. Ela lutou com uniforme masculino e impressionou com sua coragem.

Figura 7 - Selo de Comemoração as mulheres Haitian, Marie-Jeanne Lamartiniére. Autoria: République d'Haiti. Data: 1954.

Marie Sainte Dédée Bazile (? – 1806), Dédée era um mascate que, a partir de 1794, acompanhava Dessalines aonde quer que fosse. Na época, o futuro imperador, pai da independência e primeiro chefe de estado haitiano, era um simples comandante de batalhão em Grand Boucan. Dédée, tendo sofrido muito com os abusos de seu mestre, decidiu, com seus 6 irmãos, entrar na batalha. Foi assim que ela se tornou a vivandière do exército nativo.

Após o massacre de sua família pelo exército colonial francês, que até enlouqueceu, ela reteve lucidez suficiente para continuar acompanhando o exército nativo até sua vitória final sobre a França. Onde quer que ela fosse, ela gritava: “Defilez!,

Defile", anunciando o exército. O nome pegou. A história o conhece como Défilé La Folle.

Catherine Flon (1772 – 1831), Catherine Flon, a afilhada de Jean-Jacques Dessalines semeou a primeira bandeira haitiana a 18 de maio de 1803, no último dia do Congresso de Arcahaie. A nossa bandeira é mais do que simplesmente bela, tem muito simbolismo. Para criar esta obra-prima, Dessalines rasgou a parte branca da bandeira francesa, libertando-nos metaforicamente da opressão cruel dos colonizadores brancos, e Catarina semeou o Azul e o Vermelho como símbolo de unidade entre Negros e Mulatos que se tinham unido contra os seus opressores.

Depois de Catarina Flon ter semeado o bicolore, os generais da Revolução Haitiana no congresso fizeram um juramento solene de fidelidade à Liberdade ou Morte sobre esta bandeira, que deveria conduzir os escravos à vitória e à liberdade. Este juramento, foi nomeado o Juramento dos Antepassados. Ela figura na nota de 10 gourdes semeando orgulhosamente a nossa bandeira.

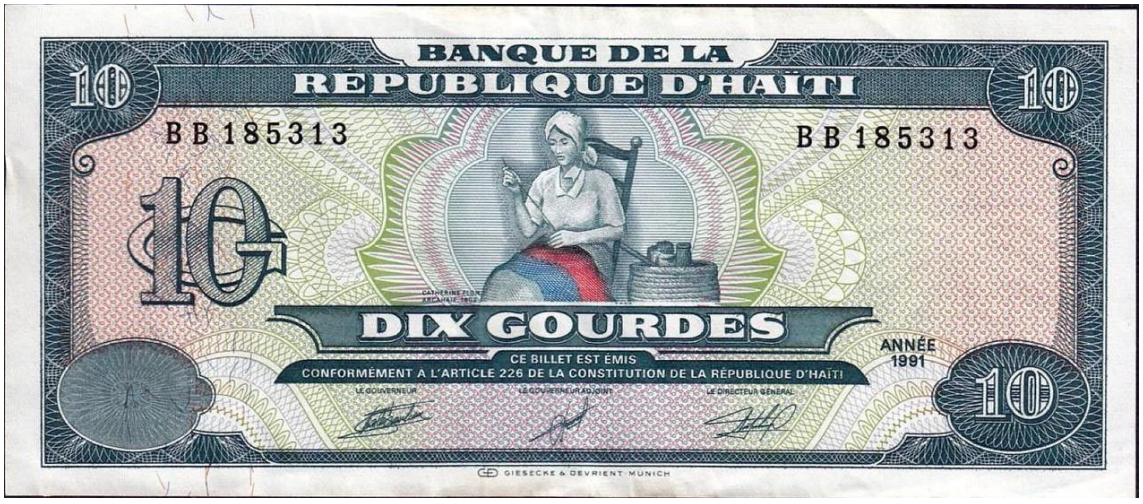

Figura 8 - Catherine Flon eternizada na nota de 10 gourdes. Autoria: République d'Haiti. Data: 2000.

Essas são as mulheres que foram ocultadas por muitos anos, porém, ao longo de algumas décadas, essas participantes do confronto, estão tendo seu devido lugar na história. Assim como Cécile Fatiman, Suzanne Sanité, Marie-Jeanne Lamartiniere, Dédée Bazile, Henriette Saint Marc, Félicité, Catherine Flon, a história do Haiti é composta por grandes mulheres como Brigitte, Concubina de Rodet, e todo o movimento de mulheres.

2.4 – Ancestralidade

A primeira coisa a dizer é a situação atual tem raízes na luta histórica do povo do Haiti, um povo cujos ancestrais e antepassados foram sequestrados da África e trazidos para trabalhar como escravo em uma terra desconhecida. A população escravizada do Haiti nasceu principalmente em África e não na diáspora africana, o que tornou as culturas, a forma de organizar e construir sociedades africanas, mais vivas. Como podemos ver nos guerreiros Ahosi (ou Mino) conhecidos como os guerreiros de Daomé, os Candaces, entre outras mulheres, tomaram a linha da frente do combate na luta pela libertação do seu povo. Uma vez que as mulheres africanas já existiam e estavam activamente envolvidas no movimento muito antes de qualquer ideologia ter sido desenvolvida, as mulheres haitianas provêm desta herança e continuam a levar a cabo a batalha dos seus antepassados.

Os povos africanos que adentraram o Haiti foram originários de vários países do Continente Africano, como Zimbábue, Congo, Serra Leoa, Cote D'Ivoire, Guiné, Benin, Togo, Burkina Fasso, etc. Saíram do continente e da terra mãe por força dos colonizadores franceses que com sua visão exploratória e opressora trouxeram homens, mulheres e crianças. Famílias inteiras que vieram para trabalhar lavoura, deixando suas raízes, culturas, tradições e sendo obrigadas a modificar sua forma de adaptação ao novo mundo.

Os franceses definiam estes povos da seguinte maneira ""mercadoria", ou ainda "escravos mercantis"" (NOEL, 2017, p.28).

> Podemos comparar a superfície do Haiti com a da Bélgica (27.750 km²), porque é muito pequeno, tão pequeno que se vê no mapa com um ponto no centro do Caribe. Haiti, Kiskeya ou Bohio para os nativos, "la hija de España, Hispañola"14 (filha da Espanha) para os espanhóis e "Perle des Antilles, petite française"15 (Filha da França, ou ainda, Pérola das Antilhas) para França. O nome de Haiti ou "Ayiti", quer dizer, terra alta, terra montanhosa, o nome dado à ilha pelos seus primeiros habitantes nativos, os tainos, e os arawaks. Em 1508, chegou a ser a sede do vice-reino da Espanha e o centro da colonização espanhola. (NOEL, 2017, p.28).

A configuração do gênero feminino no Haiti tinha uma força muito grande. Eram mulheres fortes que se colocavam no front da lavoura, assim como no front da guerra, no cuidado com seus homens e filhos. O matriarcado africano no Haiti marcava o pertencimento desse povo e do que era capaz de fazer para assegurar qualidade e proteção aos seus.

Dentro da concepção de povo escravo, o negro era visto como mercadoria, produto e mulher escrava era ainda mais subjugada, encarada como subproduto, abaixo da condição masculina.

Os ritos religiosos africanos eram permitidos somente em algumas datas. No Haiti, o Vodou soube agregar a maioria das divindades cultivadas por todos os escravos, além de ser uma religião. O Vodou também se tornou uma forma de unificação daquele povo, com uma comunicação secreta produzida pelos diferentes sons vindos dos tambores mágicos.

A cultura do povo que veio da África sofreu influência da cultura dos Tainos, uma das etnias que restaram, e também do imperialismo espanhol. Um pouco depois, do século XVI ao século XVIII, essa cultura se alterou devido à colonização francesa, pois novos elementos foram inseridos e envolvidos como, por exemplo, música, religião e linguagem.

A alimentação também tem elementos a serem considerados, como a sopa de moranga. Possui uma história muito importante, pois antes da libertação ela não podia ser tomada pelos escravizados, apenas pelos franceses da colônia.

Em primeiro de janeiro de 1804, quando a independência foi conquistada, eles tomaram consciência e liberdade para degustar também essa sopa e mostrar que podiam tomá-la igualmente para sentirem-se livres realmente. Até hoje, a “soup joumou” é feita pelas famílias haitianas, em primeiro de janeiro, e uma família compartilha com a outra para simbolizar a independência e mostrar que somos todos irmãos, filhos duma mesma mãe: África.

Créole ou kreyòl é o idioma materno dos haitianos, o primeiro a ser falado e aprendido no seio familiar. A língua francesa, contudo, ainda é a língua oficial nas escolas, nas faculdades, igrejas, escritórios.

Na literatura e obras literárias haitianas, as publicações ocorrem sempre em francês, mas é equivocado afirmar que o kreyòl é uma língua marginalizada, pois é reconhecida como língua oficial ao lado do francês, desde o ano de 1961.

O sistema escravista francês foi extremamente cruel com os escravizados africanos, ocasionando ao longo da ocupação do Haiti, revoltas e muitas indignações por parte desse grupo de homens e mulheres que era segregado.

Conclusão

Quando revisitamos o passado, descobrimos coisas interessante como a memória de um passado, esquecido, temos a capacidade de ativar não só um momento vivido como as sensações que foram proporcionadas. s momentos de revolução ajudaram bastante esse movimento de libertação da mulher, emponderando-a juntamente com outras mulheres, a transformarem a sociedade. As ações revolucionárias permitiram que várias mulheres agissem politicamente por meio de causas sociais, boicotes e lutas contra a escravidão, contra o cerceamento e a submissão.

As lutas contra uma política injusta e um sistema que não favorecesse a mulher sempre foi uma causa de embate desse gênero feminino.

Essa mesma mulher que sempre lutou por seus direitos, que se colocou à frente como feminista, empreendeu um esforço para a igualdade, protagonizando uma rebelião. As mulheres sempre estiveram presentes em movimentos de protesto e mobilizações em nossa história.

Ao longo da história, as mulheres resistiram às atrocidades que lhe foram imputadas. As resistências foram de várias modalidades: organização em clubes de mães, em associações, em comunidades eclesiásticas de movimentos contra o custo de vida e creches, participação do movimento em partidos e sindicatos, pegaram em armas para tentar derrubar os militares e foram duramente reprimidas.

Mesmo com todo o ativismo e liderança, as mulheres encontravam obstáculos, dificuldades dentro das instituições/organizações em que participavam.

Em muitos momentos, as mulheres foram ocultadas nas revoluções que participaram, sendo desconsideradas de qualquer luta, protesto e/ou atitudes de libertação. As mulheres são apresentadas pelas culturas/sociedades e ao longo da história como gênero frágil, mas é apenas uma convenção que determina o espaço/lugar que deveria ocupar.

Percebemos que as mulheres são invisíveis, aparecem vinculadas à beleza de seus corpos, são objetos sexuais ou vítimas de violência de gênero. A invisibilidade das mulheres nas esferas sociais, mostra que seus interesses não são representados.

Isso se remete à realidade profunda da nossa sociedade, caracterizada pela discriminação e subordinação das mulheres, fato que reproduz a ordem de gênero estabelecida pelo patriarcado.

Nesse ocultamento das mulheres em processos revolucionários, ajuda com a construção de uma determinada memória que coloca os homens como “heróis”, pouco ou nada dizendo sobre o papel das mulheres em tais experiências.

É daí que vêm os estudos de gênero. Em oposição e/ou em complementaridade com os estudos feministas, que se dedicavam às mulheres e mantinham estreita relação com o ativismo político.

As políticas que pensam a igualdade entendem que é e necessário manter a unidade da categoria, desde que essa unidade seja concebida como resultado de uma identidade parcial através a criação de comunidades, lutas políticas que devem ser travadas por mulheres.

Não há natureza ou essência feminina, mas que, infelizmente, o sexo biológico acaba levando a certa socialização a experiências muito específicas no contexto em que vivemos. Vivem, gerando a construção e a imposição de uma certa experiência feminina, que une indivíduos bastante diversos de uma determinada categoria.

O racismo também é uma realidade vivida por essa mulher. A mulher negra sofre mais do que as mulheres oriundas de outras raças/etnias, não possibilitando a autonomia e a condicionando-a à escravidão.

As mulheres negras sempre são vítimas, principalmente, da opressão expressa na autoimagem e relacionamentos.

O sexo feminino seria naturalizado como vítima da erotização extrema e sua exclusão do mercado afetivo. Além disso, a mulher negra é vista também como destinada ao trabalho doméstico feminizado e ao mercado do sexo e "exotismo". Já a mulher branca é vista como pertencente à cultura afetiva, vinculada ao casamento e à união estável.

Em ambos os casos/situações, percebemos o quanto o papel feminino sempre é colocado em último plano, de subordinação, para atender o outro ou alguém. É de conhecimento de todos que, ao longo de toda a história, as participações femininas foram ocultadas e silenciadas, uma vez que às mulheres estava reservada esfera do doméstico e do privado.

As mulheres são sempre são apagadas da história da humanidade por alguma figura masculina.

Já algum tempo e principalmente, atualmente, no cenário mundial, as mulheres participam da força de trabalho, se entregando à força laboral arduamente para construir uma vida melhor para suas famílias e comunidades. Sendo elas mesmas, o pilar de sustento, chefiando suas casas.

O papel da mulher é sempre escondido ou não reconhecido. Muitas das vezes, em diversos momentos, desempenharam papéis semelhantes aos dos homens. Enquanto os livros didáticos/históricos/épicos se concentraram nos líderes masculinos, a participação feminina nos confrontos foi sendo esquecida, anulada, silenciada, e nem mencionada.

A ausência de documentação sobre as vidas femininas não apaga os papéis que elas desempenharam como protagonistas na luta contra o colonialismo. Documentos contemporâneos e estudos mais recentes provam que muitas mulheres participaram de combates, mas, infelizmente muitas vezes se referem a elas como entidades anônimas. Fica para o senso comum apenas a imagem de "sexo frágil".

A presença das mulheres nas revoluções, lutas veem sendo evidenciadas o longo dos anos. Ainda existem poucas pesquisas sobre, mas, cada vez mais estão surgindo novos informações sobre suas participações em campo, demonstrando a importância não somente do relato pelo relato, mas de como mudaram os rumos dos acontecimentos.

Ao longo dessa visão de ocultamento feminino, o legado desse guerreiras veem sendo evidenciadas colocando-as como participantes ativas nos conflitos revolucionários.

A falta de visibilidade das mulheres não contribuiu para o seu empoderamento, assim, não mostrando suas histórias.

Esta invisibilidade afetou todos os aspectos de uma história sem referências, e de sua vida individualmente e coletivamente. Como resultado, temos que empoderar essas trajetórias femininas para lembrar de seus feitos que ficaram para história e fizeram história.

Bibliografia:

Carolyn Fick, The Making of Haiti: The Haitian Revolution from Below . O mais recente estudo da Revolução Haitiana em inglês, o livro de Fick, enfatiza o papel dos escravos comuns no sucesso do movimento.

CLR James, The Black Jacobins. A história mais conhecida da Revolução Haitiana em inglês, publicada pela primeira vez em 1938. James vê a Revolução Haitiana como uma versão negra da revolução na França. David Brion Davis, O Problema da Escravidão na Era da Revolução. Uma história geral dos primeiros movimentos para a abolição em todo o mundo ocidental.

John D. Garrigus, "Jacobinos Brancos/Jacobinos Negros: Juntando as Revoluções Haitiana e Francesa na Sala de Aula". Estudos históricos franceses 23 (2000)

PRADO, Maria Ligia. A formação das nações latino-americanas – 3. ed. – São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987

Marlene L. Daut é professora da Universidade da Virgínia e autora de *Trópicos do Haiti: Raça e História Literária da Revolução Haitiana no Mundo Atlântico* e *Barão de Vastey e as Origens do Humanismo do Atlântico Negro* . *Haitian Revolutionary Fictions: An Anthology* , editado por Daut, Grégory Pierrot e Marion Rohrleitner, será publicado pela University of Virginia Press em 2021.

SADER Emir, A grande Revolução negra, Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 4 de Janeiro, 2004

Thomas Ott, A Revolução Haitiana, 1789-1804. O relato de Ott é especialmente forte nos aspectos militares e diplomáticos da Revolução Haitiana.

COICOU, Massillon, 1906 *L'empereur Dessalines : drame en deux actes, en vers*. Port-au-Prince, Imprimerie Chenet.

SMOKE. **Conheça quem foram as mulheres por trás da Revolução do Haiti**. Alma Preta Jornalismo. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/quilombo/conheca-quem-foram-as-mulheres-por-tras-da-revolucao-do-haiti>. Acesso em: 28 nov. 2022.

LABOSSIERE, Pierre. **The Long Haitian Revolution**. Monthly Review. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2021/10/01/the-long-haitian-revolution/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

IDDINGS, Emily. **5 Notable Women from Haitian History - Restavek Freedom**. Restavek Freedom. Disponível em: <https://restavekfreedom.org/2019/08/06/5-notable-women-from-haitian-history/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LÉA MORMIN-CHAUVAC. **Cécile Fatiman, la pasionaria haïtienne**. Causette. Disponível em: <https://www.causette.fr/societe/initiatives/cecile-fatiman-la-pasionaria-haitienne>. Acesso em: 15 set. 2022.

LAMOUR, Sabine. L'héritage politique de Marie Sainte Dédée Bazile, dite Défilée. **Recherches féministes**, v. 34, n. 2, p. 107–122, 2021. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/rf/2021-v34-n2-rf07282/1092233ar/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

RUTH. **Black History Untold**. Black History Untold. Disponível em: <https://www.blkhistoryuntold.com/ruth>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GIRARD, Philippe. **Rebelles with a Cause: Women in the Haitian War of Independence, 1802–04**. ResearchGate. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/227870302_Rebelles_with_a_Cause_Women_in_the_Haitian_War_of_Independence_1802-04>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Research Guides: Freedom in the Black Diaspora: A Resource Guide for Ayiti Reimagined: Introduction. Loc.gov. Disponível em: <https://guides.loc.gov/haiti-reimagined>. Acesso em: 2 nov. 2021.

ESQUERDA DIÁRIO. [PODCAST] 013 Feminismo e Marxismo - Série Revoluções: As mulheres na Revolução Haitiana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WbDIDbiu9MM>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FABIANO, FERNANDO. Mulheres na Revolução Haitiana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=40-ztQyqMx0>. Acesso em: 1 nov. 2021.

British Library. Www.bl.uk. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/map-of-saint-domingue-c-1750>. Acesso em: 19 out. 2022.

Moodle USP: e-Disciplinas. edisciplinas.usp.br. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>.

. **A woman in the Haitian Revolution: Sanité Belair**, Sandrine Berges, disponível em: <http://www.sandrineberges.com/liberty-in-thy-name/a-woman-in-the-haitian-revolution-sanite-belair>. acesso em: 21 nov. 2022.

The Sanité Bélair Women's Empowerment Series with Theresa Sophia, Nyu.edu, disponível em: <https://as.nyu.edu/research-centers/clacs/events/spring-2017/the-sanite-belair-women-s-empowerment-series-with-theresa-sophia.html#:~:text=Sanit%C3%A9%20B%C3%A9lair%20(born%20Suzanne%20B%C3%A9lair,a%20National%20Heroine%20of%20Haiti.>. acesso em: 9 nov. 2022.

OESCHGER, Francisque, **Haïti : comment la liberté fut arrachée par le feu et par le sang**, Geo.fr, disponível em: <https://www.geo.fr/histoire/haiti-comment-la-liberte-fut-arrachee-par-le-feu-et-par-le-sang-195008>. acesso em: 18 nov. 2022.

HOMMAGE AUX FEMMES ESCLAVES, HÉROÏNES MÉCONNUES, **Hommage aux femmes esclaves, héroïnes méconnues**, TV5MONDE, disponível em: <https://information.tv5monde.com/terriennes/journee-du-souvenir-de-la-traite-negriere-et-de-son-abolition-hommage-aux-femmes-esclaves>. acesso em: 21 nov. 2022.

LADOUCEUR, Rosny. **Ces femmes ont aussi contribué à la naissance de la patrie haïtienne**. Loop News. Disponível em: <https://haiti.loopnews.com/content/ces-femmes-ont-aussi-contribue-la-naissance-de-la-patrie-haitienne>. Acesso em: 21 nov. 2022.

HISTOIRE ENGAGEE. **Signification et impact de la Révolution haïtienne sur le monde atlantique**. HistoireEngagée.ca. Disponível em: <https://histoireengagee.ca/signification-et-impact-de-la-revolution-haitienne-sur-le-monde-atlantique/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

LAURA DOYLE PÉAN. **Face à face avec l'Histoire: Elles, ces Révolutionnaires (2e partie) - Le Délit**. Le Délit. Disponível em: <https://www.delitfrancais.com/2021/02/16/face-a-face-avec-lhistoire-elles-ces-revolutionnaires-2e-partie/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

MILTERSTEINER, R. et al. Liderança feminina: percepções, reflexões e desafios na administração pública. Cad. EBAPE.BR. v. 18, n. 2 pp. 406-423, 2020. Disponível em: Acesso em: 4 set. 2022.

OLIVEIRA, F.D.S. Liderança e Gênero: estilos, estereótipos e percepções masculinas e femininas. Dissertação de Mestrado em Administração, Universidade Federal de Recife. ATTENA Repositório Digital da UFPE. Recife: O Autor, 2015. Disponível em: Acesso em: 4 set. 2022.

SWIFT, M. **Before The Haitian Revolution: Vincent Oge Part 2**. Black Then. Disponível em: <https://blackthen.com/haitian-revolution-vincent-oge-part-2/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

THE. **The Haitian Revolution Timeline**. The Haitian Revolution Timeline. Disponível em: <https://thehaitianrevolution.com/the-final-years>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ANDREWS, George. Um raio exterminador: as guerras pela liberdade, 1810-90. In: HISTÓRIAS AFRO-ATLÂNTICAS, Vol.2. São Paulo: Masp, 2018.

MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e o Brasil escravista – o que não deve ser dito.* SP: Pacco, 2017